UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

Raimunda Maria Chaves Correia

AS VIRTUDES DO ESQUECER:

memória e esquecimento em *O Livro de Areia,* de Jorge Luis Borges

Teresina – PI
2016

Raimunda Maria Chaves Correia

AS VIRTUDES DO ESQUECER:

memória e esquecimento em *O Livro de Areia*, de Jorge Luis Borges

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Wanderson Lima Torres.

Teresina – PI
2016

C824v Correia, Raimunda Maria Chaves.
As virtudes do esquecer: memória e esquecimento em o livro de areia, de Jorge Luis Borges / Raimunda Maria Chaves Correia. - 2016.
97f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, 2016.
"Orientador(a): Prof. Dr. José Wanderson Lima Torres."

1. Literatura. 2. Memória. 3. *Livro de Areia.*
I. Título.

CDD: 469

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca Central da UESPI
Grasielly Muniz (Bibliotecária) CRB 3/1067

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

AS VIRTUDES DO ESQUECER: memória e esquecimento em *O Livro de Areia,* de Jorge Luis Borges

RAIMUNDA MARIA CHAVES CORREIA

Esta dissertação foi defendida às 10h, do dia 01de julho de 2016, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho ....APROVADO..... (aprovado, não aprovado).

José Wanderson Lima Torres

Professor Dr. José Wanderson Lima Torres
Orientador

Professor Dr. Carlos André Pinheiro
1º examinador – UFPI

Professor Dr. Fabrício Flores Fernandes
2º examinador - UESPI

Visto da Coordenação:

Diógenes Buenos Aires de Carvalho

Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Letras

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

A minha avó *Justina Correia* – Mãrtina, com quem tudo começou. A meu pai *Pedro Alves Correia - Pedro da Cruz* – e a minha mãe *Maria do Perpétuo Socorro Chaves Correia – D. Socorro* – que permaneceram na Zona Rural a trabalhar para prover os filhos na cidade, mantendo sempre vivo o sonho de vê-los como pessoas “estudadas”. A eles todos os aplausos. Também a *Pedro Neto*, um presente que me ensina muito a cada dia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo. Diante do muito que recebi a vida a toda, a Ele meus agradecimentos serão sempre insuficientes.

A todos os professores e professoras do curso do mestrado: José Wanderson Lima Torres; Fabrício Flores Fernandes, Maria do Socorro Rios Magalhães, Algemira de Macedo Mendes, Marly Gondim Calvalcanti de Souza, Raimunda Celestina Mendes da Silva, Feliciano José Bezerra Filho, Elio Ferreira de Souza e Diógenes Buenos Aires, pela condução de seus trabalhos de forma comprometida.

A UESPI, pela oportunidade do mestrado e receptividade.

Aos professores André Pinheiro e Fabrício Flores, que participaram da Banca de Qualificação, pelos valiosos encaminhamentos e sugestões.

Ao meu orientador, professor José Wanderson Lima Torres, pela atenção sempre e olhar firme e amigo na orientação desta pesquisa, mas, principalmente, por acreditar em mim, sem nenhum questionamento, mesmo nos momentos mais confusos.

À Rosenir Feitosa Lima, secretária do curso e amiga, pelos momentos de partilhas e escutas, e pela predisposição em resolver problemas sempre.

À equipe de apoio, que sempre proporcionava o ambiente limpo e agradável aos alunos e professores e à Lili, não pelo lanche, mas pelo carinho de sempre.

Aos colegas do Curso pelos laços criados durante esse tempo,que levarei para a vida, e pelo conhecimento compartilhado: Áurea, Camila, Rubenil, Ivan,Pablo, Jane,Ginê, Shamália, Jheine, Francisco, Keula, Elimar, Silvino e Priscila.

A Rubenil Oliveira e Edileuza Costa, pessoas com quem partilhei um teto, muitas madrugadas de leituras, aflições, gargalhadas,saudades, enfim, uma vida.

Ao grupo de amigos denominado aDIRETORIA, representados na pessoa do amigo-irmão Amaro Góis, pelos encontros musicais e poéticos e a amizade ao longo de uma vida, pelo apoio e sempre torcida.

Ao grupo de amizade denominado Irmãs, pela parceria, sorrisos, conversas, incentivo e ousadias nos momentos de inseguranças, bem como em todos os outros.

Aos amigos da Escola Duque de Caxias, pelo apoio, compreensão e amizade, principalmente no último ano desta pesquisa.

Aos confrades e confreiras da ASLEAMA, pelo incentivo.

À Edna Pereira e Lila, pelas leituras, amizade e incentivo sempre.

Às amigas Risoleta Freitas, Werlene Thaís, Lucélia Almeida, Regilane Maceno, pelas conversas, leituras, discussões e parceria sem medida de hora e, sobretudo, pela amizade.

À minha mãe Socorro, meu pai Pedro e meu filho Pedro Neto, razão para prosseguir.

Aos irmãos Rosete, Edilson, Pedro Filho, Rosaldi, Rosangela, Cesar e Ludimar, por tudo: pelo afeto, pelas brigas, mas principalmente pelo apoio, incondicional em todos os momentos, durante toda vida.

Aos 45 sobrinhos aqui representados pela pessoa de Evando Lucas, barulhos e confusões que dão alegria a esta minha família.

Aos cunhados, Raimundo, Leide, Mariana, Betania, Evando, e Fernando, cada um a seu modo, sempre presente.

À Rosa, sobretudo por cuidar de meu filho.

A cada uma das pessoas que partilhou comigo a tensão da BR 316 nas viagens Caxias-Teresina e Teresina-Caxias.

RESUMO

“As virtudes do esquecer: memória e esquecimento em contos de *O Livro de Areia*, de Jorge Luis Borges” é o título desta pesquisa que versa sobre a memória e o esquecimento em contos da obra *O Livro de Areia*, publicado em 1975, de autoria borgeana, bem como salienta a estreita interdependência entre essas duas faculdades humanas, como base para funcionamento destas enquanto mecanismos que contribuem para a construção socio-histórico-cultural do homem, pelo viés memorialístico quando na preservação ou esquecimento de suas vivências. Diante disso, analisamos como as recordações das personagens são representadas na narrativa em questão e como são estabilizadas através da linguagem literária. De modo mais incisivo, buscamos entender a relação entre as ações de lembrar e esquecer, demonstrando como elas se apoiam mutuamente para concretizarem a construção da memória. O trabalho está dividido em quatro capítulos: o primeiro, constituído pelas considerações iniciais, traz um panorama geral de nosso trabalho. O segundo - A escrita da memória - subdividido em três tópicos,discute os estudos da memória em relação ao esquecimento. No terceiro - Borges e a memória – é feita uma breve apresentação do autor, enfatizando a escrita deste, principalmente em torno da memória. No quarto capítulo - Memória e Esquecimento em contos de Jorge Luis Borges –, subdividido em quatro tópicos, analisa-se os contos “O congresso”; “A noite dos dons”; “Utopia de um homem que está cansado” e “O Livro de Areia”, considerando a ambivalência entre memória e esquecimento na edificação das lembranças, bem como da necessidade de esquecimento, dentre outros fatores, como base essencial para a construção do conhecimento. Para o alcance das intenções pretendidas com o desenvolvimento desse trabalho, a análise é ancorada nos pressupostos teóricos de Paul Ricoeur (2007), Maurice Halbwachs (2004), Ivan Izquierdo (2010), Friedrich Nietzsche (2011), Harald Weinrich (2000), Beatriz Sarlo (2007) e Antonio Candido (1967), dentre outros. De acordo com as considerações tecidas ao decorrer da pesquisa, pode-se confirmar que, nos contos, memória e esquecimento necessitam ser absorvido e praticado pelo sujeito a fim de que se possa abstrair do todo vivido aquilo que vai fomentar o legado de nossa memória, possibilitando, assim, a capacidade de criação.

Palavras-chave: Literatura. Memória. Esquecimento. *Livro de Areia*. Borges.

ABSTRACT

"The virtues of forgetting: memory and forgetfulness in short stories of *O Livro de Areia*, by Jorge Luis Borges" is the title of this research about memory and forgetfulness in the short stories of the work *O Livro de Areia*, published in 1975, that emphasizes the close interdependence between these two human faculties as a basis for the functioning of these mechanisms which contribute to the socio-historical-cultural construction of the human being, by the memorialistic approach when preserving or forgetting their experiences. Therefore, we analyze how the memories of the characters are represented in the narrative in question and how they are stabilized by the literary language. More pointedly, we seek to understand the relationship between the actions of remembering and forgetting, demonstrating how they support each other to perform the construction of memory. The work is divided into four chapters: the first chapter, constitutes the opening remarks and provides an overview of our work. The second one – The writing of the memory – is subdivided into three topics and discusses the studies of memory in relation to forgetfulness. In the third chapter - Borges and the memory – we make a brief presentation of the author, emphasizing his writing, mainly about memory. The fourth chapter - Memory and Forgetting in Jorge Luis Borges' short stories - is divided into four topics. Here we analyzed the short stories "O congresso"; "A noite dos dons"; "Utopia de um homem que está cansado" and "O Livro de Areia", considering the ambivalence between memory and forgetting in building memories as well as the need to forget, among other factors, as the essential basis for the construction of knowledge. The research analysis was anchored on the theoretical assumptions of Paul Ricoeur (2007), Maurice Halbwachs (2004), Ivan Izquierdo (2010), Friedrich Nietzsche (2011), Harald Weinrich (2000), Beatriz Sarlo (2007) and Antonio Candido (1967), among others. According to the considerations presented during the research, we can confirm that, in the short stories, memory and forgetfulness need to be absorbed and practiced by the subject so that he/she can abstract from all lived experiences what will foster the legacy of his/her memory, allowing thus the ability to create.

Keywords: Literature. Memory. Forget fulness. *Livro de Areia*. Borges.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 10
2 A ESCRITA DA MEMÓRIA 15
2.1 O papel do esquecimento 17
2.2 Primeiras considerações sobre o esquecimento 21
2.3 Estudos literários e a Memória..... 36
3 BORGES E MEMÓRIA 49
3.1 Borges e a escrita **49**
3.2 A poética de Borges 55
3.3 O Livro de Areia 66
4 MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM CONTOS DE JORGE LUIS BORGES 71
4.1 “O congresso”: a história de um intento grandioso 73
4.2 “A noite dos dons”: o que ficou na memória 81
4.3 “Utopia de um homem que está cansado”: uma visita ao futuro 84
4.4 “O Livro de Areia”: O princípio do fim 87
CONSIDERAÇÕES FINAIS 92
REFERÊNCIAS 95

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

> Fechar de quando em vez as portas e janelas da consciência, permanecer insensível às ruidosas lutas do mundo subterrâneo dos nossos órgãos; fazer silêncio e tábua rasa da nossa consciência, a fim de que aí haja lugar para as funções mais nobres para governar, para prever, para pressentir (porque o nosso organismo é uma verdadeira oligarquia): eis aqui, repito, o ofício desta faculdade ativa, desta vigilante guarda encarregada de manter a ordem física, a tranquilidade, a etiqueta. Donde se colige que nenhuma felicidade, nenhuma serenidade, nenhuma esperança, nenhum gozo poderia existir sem a faculdade do esquecimento (NIETZSCHE, 2011, p. 28).

A ideia contida na citação de Nietzsche que abre esta pesquisa é também o caminho que deve ser percorrido por ela, ao longo das próximas laudas: as virtudes da capacidade humana de esquecer. Esta capacidade será vista a partir de uma movimentação contínua de forças com o lembrar. O esquecimento não será entendido apenas como apagamento, mas ação capaz de excluir registros desnecessários, o que, consequentemente, irá ceder espaço psíquico para novas experiências. Neste sentido, a memória será abordada numa perspectiva seletiva em que as recordações vêm à tona como significações atualizadas, conforme o tempo presente e o esquecimento como forçaque possibilita novos sentidos às lembranças, instalando-se como seiva da criação.

Faz-se necessário entender que pensar a memória sem a agregação de valores seria pensá-la apenas como reprodução automática do passado. Então, é preciso perceber que esta reclama infinitas possibilidades de apreciações que resultam, inevitavelmente, em infinidades de significações. E, sendo uma faculdade que possui a capacidade de recuperar eventos passados, tem como características básicas eleger, selecionar, falsear e, sobretudo, esquecer.

Pode parecer curioso, mas o esquecimento é, na medida exata para cada situação, o aditivo que completa, junto com as lembranças, a construção da memória. Mesmo as mais bem sucedidas tentativas do ser humano em eternizar experiências vividas constituem-se fantasia, desejo, uma vez que não é possível guardar a totalidade daquilo que se viveu, não temos ingerência sobre ela. Rememorar reclama o equilíbrio entre as forças do lembrar e do esquecer.

Dentre as investidas para preservar a memória, podemos perceber a escrita como a mais eficaz. E, neste caso, é pela rememoração que se estabilizam as

narrativas. No entanto, neste ato também se fazem presentes o falseamento, os deslizes, a seleção, dentre outros; ou seja, é evidente a impossibilidade de memória plena, o que se obtém é a síntese de um evento vivido, cuja eleição de fatos é feita conforme o crivo de cada narrador. Pensar a memória, esta capacidade de as pessoas armazenarem e evocarem fatos pretéritos, solicita uma harmonia entre lembranças e esquecimentos, e a partir desse ponto é que se pode visualizar uma espécie de jogo ambivalente entre essas duas categorias.

Iván Izquierdo, na obra *A arte de esquecer* (2010, p. 24), faz uma espécie de apologia ao esquecimento, discutindo a necessidade desse, dentre outras vantagens, para a estruturação do pensamento, afirmando: "Esquecemos para podermos pensar, e esquecemos para não ficarmos loucos. Esquecemos para podermos conviver e sobreviver". Assim sendo, lembrar-se de tudo impede o fluxo do pensamento, bem como a capacidade de abstração – elementos que são de extrema importância na construção de sentidos para as recordações.

E no que concernem às narrativas literárias de memórias, há algum procedimento diferenciado das de outros campos do conhecimento? Este trabalho intenta discutir a problemática e já tem como assertiva que, sendo relacionadoà memória, inevitavelmente, o texto descamba nas mesmas características de falseamento, fraturas, descontinuidades porque assim é esta faculdade humana, independente de onde se encontre. Há de se considerar que o processo de rememoração é feito pelo indivíduo, que lembra e, portanto, pode distorcer, cortar ou acrescentar detalhes, escolhendo o que lembrar e o que deve ser apagado.

A temática em questão permeia vários escritos de Jorge Luis Borges. E os contos que constituem o corpus deste trabalho, apesar de propiciarem a análise de diversos assuntos, como em geral toda obra literária apresenta, salientam reiteradamente a questão da memória, possibilitando ao leitor compreender como essa se estabiliza em relação ao esquecimento, evidenciando, como já foi afirmado acima, que esquecer possui suas virtudes. É pelos episódios representados em cada uma dessas quatro narrativas que nos propomos analisar, em que seus personagens vão conduzindo paulatinamente seus enredos, que fica mais compreensível a questão, como se verá a seguir.

A faculdade humana de rememorar, nos contos aqui analisados, evidencia fatores como a ponderação entre diversos tipos de memória e as intensidades que as tornam aparentes ou atenuadas. Neles, considera-se o esquecimento como

salutar, como uma estratégia desenvolvida pelas pessoas para eliminar informações irrelevantes ou ultrapassadas, bem como para conceder novos sentidos aos acontecimentos vividos.

Não se pode descartar que a recuperação de fatos pelo rememorar carregue inerente a si a seleção e a abstração, para evitar, dentre outros fatores, a sobrecarga dos sistemas cerebrais. Destarte, pode-se afirmar que a memória, representada nas narrativas literárias de modo geral, está sempre em construção e é formada por dois lados que, embora possam parecer opostos, são na verdade complementares: a memória e o esquecimento. É como se houvesse uma espécie de filtragem dos fatos vivenciados.

A abordagem em torno da memória pelo viés do esquecimento pode parecer um tanto inusitada, e isto é compreensível, haja vista que, de maneira geral, estas narrativas desvelam a busca do lembrar, havendo, por vezes, um desconhecimento, por parte da maioria, de que para constituir memórias é necessário o esquecimento, principalmente numa sociedade caracterizada pela fugacidade das coisas, pela ruptura das fronteiras. Sarlo (2005) diz que o tempo atual é caracterizado por uma necessidade urgente de se ter mais imagens eque vivemos a cultura da velocidade e da nostalgia, ou seja, do esquecimento e do rememorar.

Nos últimos tempos, vê-se que muito tem sido escrito em torno de aspectos da memória. E apesar de grande parte destes escritos primarem pela ideia do lembrar, traduzindo-se numa espécie de luta contra o esquecimento, há, por outro lado, uma corrente em que predomina a noção do esquecer que vem crescendo lenta e gradativamente. Lembrando que as obras com esse aspecto consideram o esquecimento mais que uma simples restauração do passado; ele é, sobretudo, uma construção de momentos com vistas ao futuro.

Dentre os nomes de escritores relacionados à temática da memória, pode-se mencionar o do argentino Jorge Luis Borges. A crítica muito já escreveu em torno deste autor e de sua produção,porém, um texto literário, por mais que se escrevaa seu respeito, sempre haverá algo a ser analisado, pois o que o torna inesgotável são as diversas e possíveis análises que podem ser feitas. Desta forma, não podemos deixar de considerar que existe em torno da obra de Borges um grande legado de pesquisa que se refereà memória, no entanto, este fator não inviabiliza um novo estudo a respeito dela.

A dissertação elegeu como corpus quatro dos contos de *O Livro de Areia.* São eles: “O Congresso”; “A noite dos dons”; “Utopia de um homem que está cansado” e “O livro de areia*”*. Nestes, buscamos investigar a dialética[1] entre memória e esquecimento delineados nas narrativas em análise.

A escolha dessas narrativas ocorreu, em primeira instância, pelo fato de todas elas carregarem em seu bojo elementos que contemplama temática escolhida para nossa análise. E apesar de nos contos selecionados a memória pelo viés do esquecimento não possuir uma visibilidade tão explícita e comentada como no conto *Funes, o memorioso*, é possível perceber essa tônica, ora mais, ora menos explícito, em todo percurso das quatro escritas em questão. Porém o fator mais preponderante para a escolha, primeiramente, da temática e, em seguida, desses contos foi a percepção que, embora os estudos sobre a memória e, mais especificamente, em torno da obra de Borges existam em grande volume de publicações, os que primam por olhar o esquecimento como uma virtudes ainda se apresentam um tanto acanhados.

No que diz respeito à divisão desse trabalho, considera-se aqui como primeira parte as considerações iniciais. A segunda parte intitulada “A escrita da memória*”*, está subdividida em três tópicos: “O papel do esquecimento”, “Primeiras considerações sobre o esquecimento” e “Os estudos literários e a memória”; no primeiro e segundo, faz-se um resgate da história do esquecimento, mostrando a forma como essa faculdade foi vista ao logo dos tempos e ressaltando a importância deste para a memória, ou seja, como o esquecimento se comporta nos textos literários e como este se materializa através da escrita. Já no tópico seguinte, faz-se uma panorâmica pelos estudos em torno da memória ao longo do tempo. Essa abordagem será feita relacionando as possibilidades de expressão da literatura, através da narrativa dos contos selecionados em *O Livro de Areia*. Para tanto, utilizaram-se as abordagens de críticos como Nietzsche (2011), Weinrich (2000), Izquierdo (2010), dentre outros que tratam dessa relação.

[1]Tomamos o termo “dialética” na concepção de diálogo cujo foco é a contraposição e contradição de ideias, no caso a contraposição e interdependência entre a memória e o esquecimento. Sobre a diversidade de sentido do termo na tradição filosófica, ver Konder (2004).

A terceira parte da dissertação, com o título “Borges e a Memória”, traz três subtópicos: “Borges e a escrita”; “A poética de Borges” e “*O Livro de Areia*”[2]. No primeiro, será discutido como algumas análises sobre a memória em Borges se desvelam. Para tanto, baseia-se, principalmente, nas concepções teóricas de Sarlo (2008), Monegal (1980) e Pimentel (1998), que possuem um vasto legado em torno da produção literária de Borges. Ainda, faz-se uso da teoria de Antonio Candido (1967), que permite a compreensão dos elementos contextuais da obra. No segundo subtópico, verifica-se como se comportam os escritos de Borges em relação à memória. Desta forma, utilizam-se artigos, dissertações e teses em torno da temática; além disso, de forma panorâmica, são apresentados traços biográficos do autor e suaobra, e se institui uma abordagem considerando a organização interna e externa de sua escrita. No terceiro subtópico, são apresentados, de maneira sucinta, aspectos da obra que constitui o corpus desta pesquisa.

A última parte, intitulada “Memória e esquecimento em contos de Jorge Luis Borges”, está subdividido em “O Congresso: a história de um intento grandioso”; “A noite dos dons: o que ficou na memória”; “Utopia de um homem que está cansado: uma visita ao futuro” e “O Livro de Areia: o princípio do fim”. Essa parte deter-se-á ao emprego da memória e do esquecimento na tessitura dos contos selecionados. Nessa seção, a partir das considerações de Weinrich (2001), analisa-se a construção de uma mnemotécnica baseada no esquecimento.

A respeito de memória, fundamenta-se a pesquisa no aporte teórico de Rossi (2010), Ferreira (2006), Sarlo (2005) e Halbwachs (2011). Compreende-se, ainda, que o emprego do lembrar e do esquecer são subsídios no processo de reconstrução, funcionamento e manutenção da memória; tal discussão está embasada nas reflexões de Nietzsche (2011) Izquierdo (2011) e Ricoeur (2003).

[2]Considerando que um dos contos que compõem o corpus dessa pesquisa possui o mesmo título da obra em estudo, optamos pela seguinte estratégia: sempre que nos referirmos à obra *O Livro de Areia* virá em itálico; em contrapartida, quando nos referirmos ao conto escreveremos entre aspas.

2 A ESCRITA DA MEMÓRIA

Preservar a memória hoje, mais que em épocas anteriores, cristaliza-se como um das questões que desafiam a sociedade contemporânea. É possível dizer que a fugacidade da vida, dos momentos, própria dos tempos atuais, concorre significativamente para isso. A literatura, como parte das criações humanas, não está imune a esse contexto, pois ela também acompanha as transformações. E, em conexão com o cenário no qual está inserida, representa os aspectos da memória através de uma escrita que evidencia um retorno ao passado com vistas a recuperá-lo com uma nova significação.

Segundo Paul Ricouer (2012), o futuro é um tempo aberto e indeterminado, enquanto o passado é fechado e determinado, ou seja, o que aconteceu não tem como ser modificado. Entretanto, este passado pode ser ressignificado, dependendo de quais sentidos a pessoa que recorda irá conceder aos acontecimentos vividos. Assim, é necessário buscar um equilíbrio entre o lembrar e esquecer, pela seleção daquilo que deve ser lembrado ou esquecido, para que o esquecimento possa se estabilizar como força.

Vale dizer que a recuperação de acontecimentos, apesar de nos remeter a lembranças do passado, é feita com a visão de um tempo presente, portanto, há um entrelaçamento de tempos que resulta numa nova construção, uma nova história – ou seja, a memória não é algo inerte, estático e preso ao passado. O que se materializa em textos ou em outros meios de evocação de um tempo ido, como monumentos e celebrações, por exemplo, é algo muito dinâmico, que se renova a cada (re)leitura. Eis uma das missões da recordação: tornar-se nova a cada investida, caso contrário, perde-se no absurdo de querer a totalidade e, assim, não haverá construção de sentido.

Dentre as alegações bastante utilizadas e aceitáveis para justificar os grandes debates ea vasta publicação em torno da temática da memória está a de não repetir erros outrora marcantes e traumáticos, pois há uma crença de que a lembrança de algo ruim, quando retomado de maneira crítica e depois narrado, pode nos levar a evitar que se repita. Além disso, uma recordação traz consigo toda uma carga de elementos do presente, o que possibilita a construção de uma nova história.

Segundo Walter Benjamim (1986, p. 56), o passado “traz consigo um índice misterioso” que apenas se mostra em *flashes*. Para ele, a ideia de memória é bem

mais complexa que a ingênua sucessão fixa de fatos passados. Ou seja, a memória como faculdade humana de trazer à tona momentos experienciados, ou pelo menos vistos individual ou coletivamente, constitui-se, dentre outros elementos, através de avanços, de recuos, de falseamentos e, embora pareça ilógico, traduz-se, sobretudo, em esquecimento.

Pode soar estranho dizer que o lembrar constitui-se também do esquecer, principalmente porque, ao longo dos tempos, costumeiramente aprendemos a ver o esquecimento apenas como algo que inibe a memória, ou seja, com uma conotação de perda e, assim sendo, como algo a ser combatido.

Entretanto, para além do afastamento de lembranças que carrega um tom negativo e danoso paraas pessoas, o esquecimento possui um aspecto que é quase sempre negligenciado: a capacidade de elaboração de síntese, cuja função precípua diz respeito à locação de lembranças e é parte importante que contribui fortemente para a construção da memória. Considerando ainda que a ação de recordar possui vagos inevitáveis, isso porque é impossível se rememorar o todo de qualquer que seja a ação vivida, são nesses vagos (esquecimentos) que se encontram elementos e espaços para criação de novas histórias. Nas palavras de Benjamim:

> Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois. Num outro sentido, é reminiscência que prescreve com rigor o modo de textura (BENJAMIN, 1986, p. 37).

A partir da afirmação acima fica clara a ideia de que a memória apresenta-se ilimitada, ou seja, abertas a infinitas possibilidades de criações situadas na fusão entre o passado e o futuro, em que o presente funciona como elo entre os outros dois tempos.

Antes do advento da escrita, o homem recorria à oralidade para expressar suas vivências e experiências. Através dela, todo o conhecimento adquirido era transmitido de geração em geração pela figura do *griot*[3], contadores de histórias,

[3] Segundo Nei Lopes, *Griot* é um termo do vocabulário franco-africano, criado na época colonial, para designar o narrador, cantor, cronista, genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagens e famílias importantes às quais, em geral, está a serviço. Eles são considerados sábios muito importantes e respeitados na comunidade onde vivem (LOPES, 2004, p. 310).

portadores da memória e responsáveis pelo repasse dos costumes, dos valores e da identidade nas comunidades atávicas.

A transmissão desse legado podia vir em forma de lendas, poesias ou narrativas cantadas ou contadas. Porém, como não havia o registro escrito, as memórias eram vuneráveis ao desaparecimento. Nesse sentido, é possível perceber a evolução provocada na forma de preservar as experiências vividas pelo homem com o aparecimento da ferramenta chamada texto escrito, seguida de forma contínua e cada vez mais rápida de transmissão com a chegada da imprensa e depois com todo aparato tecnólogico que temos hoje e que evolui constantemente.

Dizer que o texto escrito trouxe grandes avanços à questão da preservação da memória não significa afirmar que essa ferramenta não possui espaço para deslizes, apenas que ele consegue guardar com mais precisão o recorte que é lembrado de qualquer experiência vivida quando é transformado em narrativas. Ademais, é um instrumento de preservação da memória como todos os outros, sendo eficaz, também, porque recorta e seleciona, ou seja, esquece partes para que outras se estabeleçam.

2.1 O papel do esquecimento

A discussão em torno da memória foi desenvolvida nos escritos de inúmeros teóricos, sob variados aspectos e em diversas áreas do conhecimento. E uma quantidade desses, embora pequena ainda, destaca o esquecimento como parte constituinte e imprescindível para formação, evocação e preservação da memória. Deste modo, esta pesquisa, apesar de ser em literatura, necessita transitar em outros campos.

O filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche, no percurso de sua obra, mais precisamente, em duas delas, destaca o papel do esquecimento: em *Segunda Consideração Intempestiva,* de 1874, no qual utiliza os termos “histórico” e “a-histórico” numa conotação, respectivamente, de memória e esquecimento, discute, ainda, as recordações de um tempo passado relacionando à importância dessa ação para o presente e para a construção do futuro; e em *Genealogia da Moral,* cuja primeira edição data de 1887, trata pela via do método genealógico da dolorosa criação da memória no ser humano.

No capítulo dois de *Segunda Consideração Intempestiva*, denominado “Da Utilidade *e* Desvantagem da História para a Vida”, o autor discorre sobre o esquecimento como força pela qual é possível ao homem livrar-se do peso do passado, ficando apto a erguer o futuro através de novas criações. E, para relacionar memória e esquecimento, descreve a cena de um homem a observar um animal pastando livre e sem lembranças, por isso feliz, como se pode perceber nas palavras que seguem abaixo:

> Considera o rebanho que passa ao teu lado pastando: ele não sabe o que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo; e assim de manhã até a noite, dia após dia; ligado de maneira fugaz com seu prazer e desprazer à própria estaca do instante, e, por isto, nem melancólico nem enfadado. Ver isto desgosta duramente o homem porque ele se vangloria de sua humanidade frente ao animal, embora olhe invejoso para a sua felicidade – pois o homem quer apenas isso, viver como o animal, sem melancolia, sem dor; e o quer, entretanto em vão, porque não quer como o animal (NIETZSCHE, 2003, IICI, p. 7).

Diante da cena, pode-se perceber que esse homem viveu uma confusão de sentimentos tendo em vista que, ora sente inveja do animal que não sofre, haja vista que, nesse caso, o não é provido da capacidade memorialística, ora se sente superior ao animal, uma vez que possui a capacidade de se lembrar do passado, mesmo que seja um passado que o aprisiona. Assim, depreende-se que poder lembrar o que já passou constitui vantagem e desvantagem para o homem.

Sigmund Schlomo Freud (1987) observa que nem todas as *lembranças são agradáveis,* e que apesar de existir uma tendência natural em lembrar aquilo que nos é afável, há a necessidade de buscar o equilíbrio entre lembrar e esquecer, pois esta é a porta mais propícia para edificar e conservar lembranças.

Na obra de Nietzsche, o esquecimento e a memória não são concebidos como aspectos contraditórios, mas como elementos que se complementam. Destarte, pode-se dizer que não funcionam como duas operações distintas em tempos diferentes, mas como um movimento de profunda relação, de modo que, para esquecer, é preciso estar armazenado na memória, da mesma forma que, se está memorizado, é passível de esquecimento. Como podemos observar no trecho:

> A todo agir liga-se um esquecer: assim como a vida de tudo o que é orgânico diz respeito não apenas à luz, mas também à obscuridade.

> Um homem que quisesse sempre sentir historicamente seria semelhante ao que se obrigasse a abster-se dedormir ou ao animal que tivesse de viver apenas de ruminação e de ruminação sempre repetida (NIETZSCHE, 2003, p. 9-10).

Nessa perspectiva, o esquecimento é visto não como algo unidimensional, mas como um entrelaçamento entre passado e presente, com variados direcionamentos para a edificação do futuro em que o passado tem a missão de fornecer elementos ao presente com os quais é alicerçado o tempo vindouro. Na esteira de Nietzsche, o esquecimento nada mais é do que uma “força plástica” criadora de novas histórias, sendo tão necessário ao homem quanto o lembrar.

Assim, é compreensível que o ser humano precisa do esquecimento, dentre outros fatores, porque a dinamicidade da vida exige isso. Não é uma opção, mas uma reivindicação das vicissitudes do viver que precisa ser ressignificado a cada dia. Para Nietzsche (2003), a pessoa pode desejar ser senhor de si, dada a sua capacidade de guardar memória, todavia o excesso destalhe sufoca e também lhe tira possibilidade de dar sentido e novos rumos à sua história.

A outra obra de Nietzsche que discute com afinco as questões da memória relacionada ao esquecimento é *Genealogia da Moral* (2011). Nela, é retomado o conceito de esquecimento abordado em *Segunda Consideração Intempestiva* e reafirmado que o esquecimento não pode ser entendido como *vis inertiae,* como algo estático que ficou no passado, como pura passividade, tal como é de praxe, mas como força plástica que modela novas criações, defendendo a ideia de que, para que haja a criação, é preciso esquecer.

Assim, o excesso de informações, fatos e acontecimentos armazenados na memória dificulta a preservação desta, uma vez que representa a inibição do esquecimento, e esse é quem tem a missão de organizar e selecionar todos os nossos tipos de lembranças. É neste ponto que se encontra o papel do esquecimento para a construção de novas histórias, sejam elas ficcionais ou não (NIETZSCHE, 2011, p. 48).

Ainda na mesma obra, comparando o ser humano a uma abelha, Nietzsche (2011) revela que, assim como esta protege a sua colmeia, aquele protege seu acúmulo de memória, esquecendo-se, desse modo, do autoconhecimento, ou seja, de conhecer-se a si mesmo, fato que o deixa sem opção de movimentar suas recordações, pois quem tudo lembra não consegue unir fios de lembranças para que

possa tecer as narrativas suas e de seu mundo. Quem não esquece não representa o mundo pelas suas histórias, porque sua memória é o próprio mundo.

Reiterando o que já havia delineado na *Segunda Consideração Intempestiva*, o supracitado autor asseveraque a capacidade de esquecer é o que possibilita uma vida saudável. Desta feita, compara o esquecimento com o funcionamento do aparelho digestivo, afirmando que assim comoé necessário digerir o alimento para extrair apenas o que é benéfico ao organismo, também é preciso absorver e eleger em meio a tantas informações recebidas, sobretudo em dias atuais, as que devem ser preservadas.

Pensando assim, é possível concluir, que tanto em *Segunda Consideração Intempestiva*, como na parte III de *Assim Falou Zaratustra*, em que o autor afirma que “o espírito *é* um estômago”, o esquecimento não é somente *comparável* a um processo de digestão, mas confunde-se com a própria digestão, pois é visto como função natural do organismo, uma vez que se utiliza, inclusive, de um termo emprestado da medicina – dispéptico – para reforçar e justificar a atividade comparativa. Para ele, “o homem em quem não funciona este aparelho amortecedor é um dispéptico, nunca ‘sai’ de nada” (NIETZSCHE, 2011, p. 28).

Desse modo, a dispepsia é a dificuldade de fazer a digestão, de extrair os nutrientes necessários à sobrevivência. Análogo a esse processo, na ideia de Nietzsche, o homem se torna refém de sua memória, haja vista que não consegue estabelecer uma relação seletiva entre o que lembrar ou o que esquecer na recuperação de vivências guardadas.

Diante disso, vale ainda ressaltar que, partindo de uma visão um tanto ingênua, poderíamos crer que seria bom se tudo pudéssemos guardar na memória, numa caixinha bem protegida. Porém, ao imaginar desta forma, levamos em conta apenas as lembranças agradáveis, as que acariciam nossa mente e, assim, mais um problemase instalaria: quem tivesse pouquíssima ou nenhuma coisa de aprazível para lembrar, ficaria como? Portanto há que se concordar com a afirmação abaixo:

> Um pouco de tábula rasa da consciência; para que novamente haja lugar para o novo (...) eis o papel do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica da paz, da etiqueta: como o que se vê não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho presente, sem o esquecimento (NIETZSCHE, 2011, p. 28).

Com base nas palavras acima, torna-se necessário entender que esta defesa em favor do esquecimento não significa afirmar que não haverá mais preservação da memória, pelo contrário, o que se defende é um meio-termo, é o estabelecimento de um equilíbrio entre o que Nietzsche chama de histórico e a-histórico, como se afirma na passagem: “o histórico e o a-histórico são na mesma medida necessários para a saúde de um indivíduo, um povo euma cultura” (NIETZSCHE, 2003, p. 63).

Segundo Nietzsche (2011), o que há de prejudicial no excesso de informações registradas na memória, sobretudo na atualidade, bem como na tentativa de assegurar o passado a qualquer custo, é primeiramente a ameaça de sacrificar o presente em detrimento de uma fixação pelo passado; depois, o risco de abalar a “força criadora”, pois é esta, como já mencionado, que remodela o passado, dando limites ao esquecimento, consequentemente, dando novos contornos aovivido. É nas lacunas desses contornos (recordações) que se abrem espaços para criação.

Desta forma, não demarcar o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido é, no mínimo, repetir exaustivamente um passado que, pela repetição, tornou-se vazio de sentido. Então, é imprescindível que a investigação do passado tenha sempre em vista o presente, pois é no espaço do tempo presente que se pode vislumbrar um recordar com vistas a mudanças e a ressignificações.

2.2 Primeiras considerações sobre o esquecimento

O esquecimento faz-se da instalação de apagamento do que se passou em direção ao momento presente, configurando-se, ao longo dos tempos, como algo a ser combatido. Nesse sentido, com mais ênfase a partir da década de sessenta do século XX, ocorreu um crescente interesse pela temática da memória nos mais variados campos do conhecimento.

Na literatura, cresceram significativamente publicações que se cristalizaram como verdadeiras construções contra o esquecimento. Nesse cenário, emergem histórias que, através da palavra escrita, tentam manter vivo o tempo que passou. Embora haja esse grande apego às experiências passadas, uma vez que a partir da memória se constrói, dentre outros elementos, a identidade de um indivíduo e de um povo, o esquecimento sempre esteve presente, andando *pari passu* com a memória.

Na escrita literária, desde sua formação, já é possível perceber referências ao esquecimento. Termo que, segundo Harald Weinrich, na obra *Lete: arte e crítica do esquecimento (2001)* possui origem no latim *oblitare*, derivado de *oblitus*, significando esquecer ou deixar cair no esquecimento. Tem-se também no grego uma referência a um rio que correria no Inferno (Hades) de nome *Lete* ou *Lethe,* que significa literalmente “esquecimento”.

Em contrapartida, há um rio que nasce da mesma fonte de Lete. Este fato é de relevância para o entendimento da espécie de ambivalência existente entre memória e esquecimento, como é possível comprovar na passagem seguinte:

> Pois da mesma fonte da qual nasce o Lete nasce na *Divina Comédia* outro rio, Eunoë, que significa “boa disposição” ou “boa memória”. Esse rio gêmeo tem o poder de, nas almas bem-aventuradas que pelas suas águas curativas sobem do Paraíso terreno para o celestial, agir como antítodo do esquecimento do Lete e fortalecer nelas a lembrança das boas açoes que realizaram em sua vida terrena, para poderem entrar no céu com boa memória em todos os sentidos (WEINRICH, 2001, p. 53).

Na obra acima, considerando o percurso que Weinrich (2001) faz sobre o esquecimento, dentre inúmeros exemplos, ressalta-se aqui o da *Odisseia*, que discorre sobre as tentativas de esquecer empreendidas por Ulisses em seu retorno a Ítaca. O autor assegura que “Homero é o primeiro, não único poeta da Grécia que, além da memória, também concede ao esquecimento um lugar de honra na literatura” (WEINRICH, 2001, p. 37). Assim, em três momentos de *Odisseia* são visíveis as marcas do esquecimento. No primeiro episódio, o autor se reporta a uma espécie de flor que concederia o esquecimento, como descrito no trecho:

> E também lhe deram uma fruta com agradável sabor de mel, chamada lótus, da qual costumavam comer regularmente, por isso eram chamados lotófagos (comedores de lótus). Esse fruto, além do excelente sabor, tinha a qualidade de conceder o esquecimento. E assim, depois de saborearem o fruto do lótus, os marujos de Ulisses não apenas esqueceram o objetivo de sua viagem, o retorno a Ítaca, mas também a missão de reconhecimento da ilha que Ulisses lhes dera, entregando-se inteiramente ao prazer do saboroso fruto e às doçuras da estada entre os amáveis lotófagos (WEINRICH, 2001, p. 35).

Com base nos dizeres acima, o esquecimento aqui se dá, como se pode perceber, estimulado pelo consumo do fruto lótus, uma espécie de ervaque possui

funcionalidade de tornar esquecido o vivido, porém é importante destacar que a missão deste, conforme foi percebido nesta passagem, é causar prazer a quem dele se alimenta. Neste sentido, podem-se relacionar as sensações prazerosas com a faculdade do esquecimento.

O segundo episódio citado na obra é o da deusa Circe, em que é descrito que, após os companheiros de Ulisses tomarem uma porção mágica que provoca o esquecimento, são transformados em porcos, porém, por estarem esquecidos, o padecimento é mais leve. E prosegue: “mas o próprio Ulisses em breve será vítima de outro esquecimento, para o qual não existe antídoto: ele se deixa enfeitiçar por Circe” (WEINRICH, 2001, p. 37).

Tem-se, no caso da transformação de homens em animais, um sentimento que pode ser considerado maléfico, mas que se encaminha para o prazer. Fato que ocorre exatamente devido a eles terem esquecido sua condição de porcos. E, por último, o episódio da ninfa Calipso: “com ela, como no caso de Circe, o amor é a mais eficaz droga do esquecimento” (WEINRICH, 2001, p. 37).

Assim, nos dois últimos casos, tem-se o esquecimento relacionado a uma “porção mágica”, que afasta os navegantes, companheiros de Ulisses, das lembranças, mas também traz uma conotação de, além de aliviar as dores da vida, provocar prazer e bem-estar.

Na mesma obra, Weinrich (2001) desenvolve uma teoria sobre a história cultural do esquecimento, evidenciando tanto a arte quanto a crítica deste, em contraposição à arte da memória. Para isso, toma como base a observação de exemplos retirados do cânone literário. *Dom Quixote de la Mancha,* de Miguel de Cervantes, constitui uma das obras investigadas.

A partir da leitura de Dom Quixote, Weinrich traz, num primeiro momento,a análise da manifestação do esquecimento na estrutura da obra. Nesse aspecto, o autor aponta que o esquecimento aparece como lacuna no texto de Cervantes, revelando o fato de que isso constitui um dos elementos que torna a narrativa ainda mais atrativa. Em seguida, Weinrich faza referência ao esquecimento na obra, trazendo a feição deste como anistia ou perdão.

O autor continua estabelecendo um contraste entre os dois personagens por ele analisados no decorrrer da obra: Dom Quixote e Sancho Pança, afirmando que "com eles cavalgam a memória sobre o burro, e o esquecimento a cavalo"

(WEINRICH, 2001, p. 78). Na metáfora, o burro é mais lento que o cavalo, sendo assim, anda à frente da memória.

> A disposição de esquecer é portanto um aspecto natural da loucura do cavaleiro melancólico, e cláusula necessária de seu engenho ou gênio, como se dirá mais tarde... E na genialidade dessa loucura está também a razão de que gerações de leitores – e já o próprio Cervantes na medida em que avança no relato de sua história – dedicaram abundantemente sua simpatia e admiração a esse adorável herói (WEINRICH, 2001, p. 81).

Nesse sentido, tem-se o esquecimento com feição de criação, além de considerá-lo um processo natural do ser humano. Em contrapartida, apesar de reconhecer o esquecimento como natural, o autor desvela uma explicação sobre a possível causa que faz com que o ato de esquecer, por vezes, ainda seja concebido, de uma maneira negativa. Assim, assinala que esse vem da linhagem da noite, sendo descendente de Lete, que é um dos rios do Hades (Inferno), cujas águas concedem às almas dos mortos o esquecimento. Para ele, o trecho abaixo representa a mais perfeita comparação com o esquecimento:

> A mais eficiente de todas as imagens e comparações do esquecimento vem do mito dos primeiros tempos gregos(Hesíodo, Píndaro). Nos gregos, Letes é uma divindade feminina que forma par contrastante com Mnemosyne, deusa da memória e mãe das musas. Segundo a genealogia e teogonia, Lete vem da linhagem da noite (em grego Nix, Nox em latim), mas não posso deixar de mencionar o nome de sua mãe. É a Discórdia (em grego, Eris, em latim, Discórdia) (p. 24).

Weinrich (2001) explica ainda o esquecimento por meio de metáforas, descrevendo a memória e o esquecimento como uma paisagem utópica. Assim, expressa:

> A metáfora do esquecimento ocupa nessa paisagem, sobretudo os lugares ermos, como terrenos arenosos, nos quais é desmanchado pelo vento aquilo que deve ser esquecido. Por isso quase dá na mesma escrever na areia ou no vento. Nessa paisagem que talvez tenha surgido de um lugar vazio onde as árvores foram derrubadas, talvez também se possa enterrar algo de tal modo que o capim cresça sobre essa coisa (WEINRICH, 2001, p. 2).

Outro teórico que também chama atenção ao fato de que, apesar de ser natural e parte da essência humana, as pessoas têmuma tendência à rejeição do esquecimento, da mesma maneira que há em torno da velhice ou da morte, é Ricouer (2012). Segundo este estudioso, talvez isso aconteça porque pode significar a falta de controle sobre sua própria história, uma incerteza que amedronta.

As reflexões dos autores citados conduzem à ideia de que o esquecer e o lembrar possuem estreita relação, e pela própria origem do termo esquecimento, é possível observar que este pode ter, dentre outros sentidos, o de selecionar.

Assim, apesar de em grande parte dos estudos, esta peça integrante e importante da memória – o esquecimento, aparecer em segundo plano, esse possui grande relevância para análise e entendimento de inúmeros aspectos de uma obra literária. Tal questão vem despontando no cenário dos estudos sobre a memória, como a outra face, o revés, que urge ser considerado como uma das partes essenciais do parlembrar e esquecer.

Mesmo o esquecimento carregando esta noção negativa, é possível concebê-lo como positivo, se analisado na sua origem. Pois, se bebesse do poço, Mnemósine fazia com que os mortos relembrassem suas vidas passadas. Entretanto, apenas as almas boas, que tinham deixado bons feitos na Terra, deveriam lembrar. Eramdignos, portanto, de serem perpetuados na lembrança. Beber do rio do esquecimento – Lete – traria a purificação daqueles cuja biografia apresentava maus feitos na Terra. Então, esquecer é, também, libertar-se.

Sigmund Freud,em *Primeiras publicações psicanalíticas* (1976), percebe o esquecimento, dentre outros aspectos, ligado ao prazer. Porém, não apenas nesta obra, mas em boa parte de sua teoria, ocupou-se da questão da memória e do esquecimento, nos quaisos processos de esquecer e lembrar caminham sempre juntos, apesar de algumas modificações no percurso de sua obra.

Desta forma, inicialmente, Freud apresenta o que considera a fundamentação dessas duas faculdades da memória, argumentando que o processo de esquecimento é influenciado por diversos fatores, como a constituição psíquica do indivíduo, oesforço empregado para recordar, o estado psíquico atual, entre outros, mas, sobretudo, que transita pelo recalque, a resistência e o deslocamento, como evidencia o fragmento:

> Dada impressão é despertada na memória depende não só da constituição psíquica do indivíduo [...], mas também da atitudefavorável ou desfavorável de um dado fator psíquico quese recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer [...]. Assim, a função da memória, que gostamos de encarar como arquivo aberto a qualquer um que sinta curiosidade, fica desse modo sujeita a restrições por uma tendência da vontade, exatamente como qualquer parte de nossa atividade dirigida para o mundo externo (FREUD, 1976, p. 264).

Assim, a ideia da relação entre os lados, memória-prazer *versus* esquecimento-desprazer, permeia grande parte dos estudos de Freud, em que esquecer, pelo menos as experiências dolorosas, traduz-se como algo prazeroso. A esse respeito, o autor afirma:

> Suspeito que qualquer outro que se disponha a investigar os motivos de seu próprio esquecimento poderá arrolar um mostruário semelhante de contrariedades [...]. A tendência a esquecer o que é desagradável me parece ser inteiramente universal (FREUD, 1976, p. 134).

Para Freud, o esquecimento nada mais é do que o método com o qual o aparelho psíquico se defende do desprazer. Nesse sentido, o autor afirma que não podemos precisar exatamente as trilhas em que andam lembrança e esquecimento, mas supõe que o esquecer é ativado pelo encobrimento do desprazer. E a ação de encobrir o que não causa prazer é feitapelo mecanismo das “lembranças encobridoras”, que Freud (1987) descreve como sendo aquelas lembranças irrelevantes que associam seu conteúdo com outras lembranças, as quais busca substituir.

Em outra obra, *Psicopatologia da vida cotidiana,* Freud volta a tratar a questão do esquecimento. Desta feita, inicia suas reflexões apontando o esquecimento de fatos simples, como nomes próprios, por exemplo. Para além disso, o autor também enfatizaa memória através do esquecimento. Neste caso, ele afirma que o inconsciente, que é uma força alheia ao homem, produz o esquecimento sob formas de lapsos e atos falhos.

Em sua maneira psicanalítica de discutir, Freud (1987) ressalta que para além da memória está o esquecimento, que esse não é tão casual quanto se possa imaginar, mas segue um direcionamento no qualo que se esquece passa, de certa forma, mesmo que seja de maneira inconsciente, pelo querer esquecer.

Seguindo essa linha de raciocínio, Freud, retomando a afirmação já feita em outro momento de sua obra, pontua que “a tendência a esquecer o que é desagradável me parece inteiramente universal, a capacidade nesse sentido, sem dúvida, está diversamente desenvolvida em pessoas diferentes” (FREUD, 1986, p. 181). Ou seja, Freud vai, ao longo de trajetória, reafirmando a ideia de que esquecer aquilo que é constrangedor ou que causa sofrimento é algo inerente ao ser humano. Pensando assim, pode-se dizer que memória e esquecimento andam juntos e que o inconsciente trabalha para que algumas lembranças desagradáveis sejam, pelo menos, amenizadas.

Origens à parte, o certo é que muito se tem discutido a respeito dessa faculdade humana que é mais que uma necessidade, segundo Izquierdo (2010); é uma arte. Assim, ao afirmar haver necessidade de esquecimento como elemento básico para o funcionamento da memória, é imperativo perguntar, se, além disso, há alguma outra função ou papel nesse esquecer. Para tanto, e no intuito de melhor fundamentar esse assunto, cita-se, novamente, o filósofo Nietzsche (2011, p. 28), que montou teoria desvelando os excessos de memória como maléficos à humanidade:

> O esquecimento não é só uma *vis inertiae*, como crêem os espíritos superfinos; antes é um poder ativo, uma faculdade moderadora, à qual devemos o fato de que tudo quanto nos acontece na vida, tudo quanto absorvemos, se apresenta à nossa consciência durante o estado da “digestão” (que poderia chamar-se absorção física), do mesmo modo que o multíplice processo da assimilação corporal tão pouco fatiga a consciência. Fechar de quando em quando as portas e janelas da consciência, permanecer insensível às ruidosas lutas do mundo subterrâneo dos nossos órgãos; fazer silêncio e tábua rasa da nossa consciência, a fim de que aí haja lugar para as funções mais nobres para governar, para rever, para pressentir (porque o nosso organismo é uma verdadeira oligarquia): eis aqui, repito, o ofício desta faculdade ativa, desta vigilante guarda encarregada de manter a ordem física, a tranquilidade, a etiqueta. Donde se coligue que nenhuma felicidade, nenhuma serenidade, nenhuma esperança, nenhum gozo presente poderiam existir sem a faculdade do esquecimento (2011, p. 28).

Pensando assim, e, no entendimento de que o desenvolvimento tecnológico sempre trouxe consigo, o que é bastante evidente na atualidade, há uma enorme expansão de possibilidades. Fato facilmente notado no cotidiano das pessoas. Basta voltar a um passado não muito distante para se perceber, por exemplo, que técnicas

transmitidas de geração em geração e que constituíam a base de toda existência material, todo legado apreendido e adquirido, eram repassadas, basicamente, das mesmas formas.

Em dias atuais, há uma pluralidade interminável de sistemas tecnológicos em constante aperfeiçoamento, gerando um bombardeio de informações e produtos materiais, nos quais não se tem tempo para apreender os feitos de uma geração anterior sem que tenha inúmeras modificações e o indivíduo, indubitavelmente, tenha necessidade de escolher, a todo o momento, uma ou outra possibilidade dessa enorme multiplicidade.

Os conceitos de literatura, memória e esquecimento, cristalizados numa perspectiva de tempo decorrido, como condiçãobásica para o entendimento destes, são, principalmente, nos últimos tempos, parte de discussões constantes nas artes de forma geral e, principalmente, nos grupos de produção da escrita.

Para pesquisadores dedicados à escrita, em especial à literária, o ato escrever constitui um veículo de representação e transmissão da memória, e também uma tentativa de reconstrução do sujeito, que se dá por meio da escritura dessa memória.

A relação entre escrita e memória vem desde remotas eras. E é retomada por vários teóricos, dentre eles Freud (1986), que no texto “Uma nota sobre o bloco mágico” condensa, de forma clara, a relação entre inconsciente, escrita e memória.

O autor inicia o texto afirmando: “A folha de papel é como se fosse uma parte materializada de meu aparelho mnêmico que, sob outros aspectos, levo invisível dentro de mim” (1986, p. 285). Com essa afirmação, Freud configura a folha de papel como algo que traz, a partir de sua materialidade, a capacidade de abrigar traços e linhas. Porém, essa capacidade possui limites e para que não sejam extrapolados, precisam ser, como a memória, apagados para que novos traços e linhas sejam escritos.

É válido ressaltar que, apesar de a escrita ser uma das mais eficazes formas de reviver o passado, é natural que haja limitações ao transcrever as memórias para a linguagem, pois o ato de lembrar requer seleção com perdas e ganhos de lembranças, e assim como a “folha de papel” de que falou Freud, é necessário que se apaguem umas para ceder lugar a outras, uma vez que os eventos narrados não reconstituem, pela memória, nem por meio algum, o próprio evento, mas a maneira como foi concebido pelo sentido de quem está narrando.

Assim, pode-se afirmar que, ao trabalhar com a memória, tão importante quanto lembrar, é esquecer. Visto por este ângulo, há perceptíveis e inegáveis evidências de que o esquecimento possui vantagens, sobretudo no perfilar das narrativas de memória.

Sabemos que a obra literária desperta em cada leitor diferente correlações de sentimentos com as quais se identifica ou estranha. Isso se dá, dentre outros motivos, pelo estabelecimento de analogias com outros textos, pela seleção de memórias feita, sobretudo, através do jogo entre lembrar-esquecer. Por essas ações, e percorrendo as trilhas da imaginação, é que vão sendo resgatadas vivências de variadas leituras, nas quais uns fatos são preservados e outros esquecidos, ou seja, é a chamada memória seletiva se estabelecendo.

Outro fator, já citado aqui e preponderante à questão, é que se vive em um mundo no qual o excesso de informação assusta. Como consequência disso, surge a inevitável necessidade de conservar dados pela preservação da memória, e isso termina por gerar uma suposta luta contra o esquecimento. Nesse ponto, aparece mais um fator: para pensar a respeito da memória, torna-se necessário levar em consideração o seu correlato, o esquecimento, principalmente a partir do século XX. Além disso, solicitam-se variadas e inerentes reflexões sobre a temática.

Numa sociedade marcada, sobretudo, por gerações cada vez mais rápidas e instáveis é imprescindível que se perceba que, como em todo caso, há os dois lados de uma situação, o positivo e negativo. Neste caso, não é diferente, pois, da mesma forma que os fluxos de informações são imensos e rápidos, também são menos seletivos, genéricos, superficiais, sem grandes alicerces, e sem a eleição de lembranças em detrimento de outras que compõem a base constituinte da memória.

Em termos históricos, o lado que sustenta a preservação da memória, a todo custo, levando acabo a ideia de não repetir erros, principalmente em lugares onde ocorreram guerras e/ou ditaduras, defende-se, mais precisamente a partir de 1960, o chamado “dever de memória”[4] – em que o esquecimento é visto como algo a ser superado. Isso pode ser explicado a partir da ideia de esquecimento como uma

[4] O conceito de dever de memória surgiu na França no início da década de 1950, relacionado a associações de deportados franceses na Segunda Guerra, e que tinha por objetivo honrar a memória de franceses assassinados, estudos, revelam que a noção da expressão estarno processo de ressignificação do discurso memorial ligado ao holocausto de milhares de judeus que viviam na França, ocorrido a partir dos anos 1970. (Ver LALIEU, 2001).

opção de limitar ao básico algumas informações, impedindo-as de chegarem ao conhecimento do público.

Nesse sentido, o esquecimento passa a condição de uma ação pensada intencionalmente com o intuito de apagar, diante da coletividade, fatos da história. Nesses casos, esquecer pode ser entendido como conveniência de determinada pessoa ou grupo, ou seja, também está ligado com as relações de poder.

Diferentemente desse aspecto, surge na sociedade moderna o “direito ao esquecimento” que está fundamentado na proposição de que ninguém deverá estar sujeito a pena de prisão perpétua por um fato que ocorreu em seu passado, uma vez que quem cometeu um crime, após ter cumprido sua pena imposta pela justiça, não poderá ficar pagando diariamente e repetidas vezes. Isso se dá pelo acesso a informação, via rede mundial de computadores, então, por enquanto as ações desse tipo estão apenas no âmbito do que é veiculado via *internet* e/ou programas televisivos.

Citam-se aqui dois exemplos deste tipo de ação. Ambos, como nos demais existentes até o momento, têm como objetivo básico preservar a pessoa das diversas violações ocorridas diariamente nos meios de comunicação, os direitos à privacidade e à intimidade humana, haja vista ser um dos deveres do Estado garantir a proteção e a dignidade de seus cidadãos.

O primeiro dos exemplos a que nos referimos é o caso de um cidadão espanhol que recorreu à Justiça para que resultados de buscas pelo seu nome, referentes à venda de uma casa para quitar, dívidas fossem apagados, alegando que as referidas dívidas já haviam sido pagas há anos. Entretanto, bastava digitar seu nome no site de buscas para que fossem disponibilizadas todas as publicações referentes ao caso. Diante desse contexto, o Tribunal de Justiça da União Europeia – TJUE entendeu que fossem apagadas as informações, dando ganho de causa ao cidadão.

O segundo a que nos reportamos aqui é o caso Ainda Curi, ocorrido no Brasil. Em julho de 2013, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) criou uma jurisprudência sobre o direito ao esquecimento, por ocasião de uma ação movida pelos irmãos de Ainda Curi, jovem morta aoser atirada do topo do Edifício Rio Nobre, na Avenida Atlântica, Copacabana, Rio de Janeiro, em 1958.

A citada ação solicitava ao Judiciário que não tivessem os nomes da família da vítima mencionados pela imprensa quando viesse novamente a tratar do

episódio. O Superior Tribunal de Justiça – STJ entendeu que os requerentes tinham razão, fazendo jus ao silêncio sobre seus nomes e à indenização pelos danos causados, tanto na exibição do programa Linha Direta, da Rede Globo, em 2005, quanto pela sua menção nos jornais. Desde então, sites, jornais, rádios e programas de televisão não podem mais mencioná-los quando forem tratar do caso.

Diante disso, vê-se que o esquecimento, pelo menos nesses termos, precisa ser pensado não apenas como supressão proposital de um passado, mas também como a possibilidade de um direito e um dever que podem ser requeridos, inclusive, judicialmente.

Retoma-se a teoria de Nietzsche (2011) para analisar os aspectos do esquecer, ao dizer que discutir a memória implica, decisivamente, discutir o esquecimento sob duas vias: uma na importância deste para o ato de preservá-la, e a outra como força criadora.

No campo da literatura, reporta-se à obra que constitui um bom exemplo das mazelas causadas pelo não esquecer, que é o conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luis Borges. A narrativa traz Ireneo Funes, um jovem de vinte e poucos anos a quem a natureza negou as virtudes do esquecimento; ele lembrava, literalmente, de tudo que via, ouvia e imaginava, e não fazia isso como todo ser “normal”, dotado da capacidade de recordar, mas através de imagens visuais, diretamente ligadas às sensações musculares, térmicas, dentre outras. Com o agravante de ter consciência de monstruosa memória, o que pode ser confirmado em várias passagens do texto, como a que segue: “Mais recordações tenho eu sozinho que todos os homens desde que o mundo é mundo” (BORGES, 1998, p. 104).

Por ser tão extraordinária, a memória de Funes sobrepõe todos os outros sentidos, o que o transforma em uma espécie de escravo, visto que se torna incapaz de pensar sobre o que vive, ficando preso aos detalhes.

“Funes, o Memorioso”, mesmo sendo no campo da ficção, termina por trazer à tona uma mistura de manifestações históricas, psicológicas e ficcionais que permitem, além de apreciar uma narrativa literária bem arquitetada, em que a mente do leitor, através de uma apurada leitura, consegue interligar fatos e preencher os espaços existentes, repensar o ato de esquecer como parte fundamental para, dentre outros fatores, a obtenção da harmonia dos conflitos existenciais.

Neste sentido, ao se pensar em um ser que não consegue esquecer nem mesmo o detalhe que diferencia “um cão visto de perfil e o mesmo visto de frente”[5], poispara ele os mesmos deveriam ternomes diferentes, pelo simples fato de estarem em posicionamentos diferentes, Funes assim se reporta: “Seria uma virtude ou uma maldição a capacidade de recordar-se de tudo?” (BORGES, 1998, p. 118). Esse fato, dentre tantos outros de sua memória, implica dizer que seria uma maldição a sua forma de perceber o mundo. Izquierdo (2010) assim se refere ao esquecimento:

> Há estudos recentes feitos em animais de laboratório que revelam que a capacidade de formar e armazenar memórias, assim como a de evocá-las, é limitada, e os mecanismos envolvidos se saturam com certa rapidez. Nós mamíferos, pelo que se vê, temos sistemas cerebrais encarregados de evitar que nos tornemos uns “Funes” quaisquer. A arte de esquecer ou no caso, a arte de não saturar os mecanismos da memória, mais uma vez se apresenta a nós como algo inato, que nos beneficia de maneira anônima, pois nos impede de naufragar em meio às próprias recordações (p. 112-113).

O próprio Funes, ao chegar à conclusão de que sua exuberante memória provocava nele mais sofrimento que alegria, passou a referir-se à mesma como “despejadouro de lixo” (BORGES, 1998).

E assim, tanto nas narrativas literárias quanto na história oficial, rememorar para narrar vai muito além do que simplesmente jogar no papel um amontoado de informações sem nenhum filtro. Pois esquecer funciona como um termômetro que deve ir limitando nossas recordações, ou como salva-vidas que devem estar sempre a postos para fazer salvamentos. No caso, para salvar as pessoas do afogamento, onde as águas, capazes de provocar a ação de afogar, seriam as lembranças que são adquiridas e armazenadas ao longo da vida.

Desse modo, por viver em um mundo em que o acúmulo de informação permeia todos os campos da vida e a fugacidade das coisas é tão presente, assim, reafirma-se que o esquecer mobiliza a força criadora.

Considerando que Nietzsche é um dos pilares desta pesquisa, por diversas vezes há necessidade de sua teoria ser retomada. Para ele, o processo de implantação da memória teve em sua base a violência e a crueldade. O ser humano

---

[5]“Não só lhe custava compreender que o símbolo genérico *cão* abrangesse tantos indivíduos díspares de diversos tamanhos e diversas formas; aborrecia-o que o cão das três e catorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e quarto (visto de frente). Seu próprio rosto no espelho, suas próprias mãos, surpreendiam-no todas as vezes” (BORGES, 1998, p. 117).

pagou um alto custo pela tentativa de instituir um corpo de lembranças que pudesse ser evocado em um tempo posterior ao vivido; isto se deu por um método “gravado a fogo”, afirmando o autor que “[...] jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória [...]” (NIETZSCHE, 2011, p. 23). Assim, a memorização se instaurou através de técnicas atrozes, numa tentativa de barrar o esquecimento e fazendo com que o indivíduo passasse a seguir leis que iam contra os seus instintos. Porém, o lado instintivo, tendência natural do ser humano, é que abaliza a fluidez e a espontaneidade da vida, sem as quais o homem se tornou um ser cheio de amarras e privações.

Deste modo, a concepção nietzschiana de esquecimento é de uma força ativa, capaz de nos libertar de experiências dolorosas o que, automaticamente, leva a uma valorização dos aspectos do esquecer, que passa a ser visto como o caminho para libertação e permite, dentre outros fatores, perceberque a vida pode ocorrer sem culpas e com a força movedora de criação. Para o teórico, saber esquecer é muito preciso, a fim de que se possa facultar a criação sob novas perspectivas.

Ainda na esteira do autor, lembrar é para o homem, e isso vem sendo discutido ao longo desse texto, uma forma de cumprimento das obrigações e promessas feitas pela palavra empenhada, fato que foi firmado ainda nas origens da memória e que hoje aparece ao homem como algo natural, imanente a ele, mas quena verdade lhe foi impostoa duras penas.

Nietzsche afirma que a memória constitui-se como ação maléfica ao ser humano pelo fato de negar a ação de esquecer, uma vez que o passado apenas tem valia quando visto na perspectiva de ressignificação, pois assim impulsiona o indivíduo a viver o presente e, consequentemente, a realizar novas criações.

Nesse sentido, pode-se apreender que só haverá construção de conhecimento, por exemplo, se houver esquecimento. Isso porque é a partir desse que ocorrerá a abstração do essencial ou do que convém a cada um, de acordo com suas vivências e seu momento, do que deve ser perpetuado na memória. Dessa forma, a faculdade do esquecimento é concebida como positiva, pois “o esquecimento é um poder ativo, uma faculdade moderadora, a quem se deve tudo quanto nos acontece na vida” (NIETZSCHE, 2011, p. 49).

Então, é saudável que se silenciem algumas lembranças, vez por outra, para que assim se possa, além de conceder lugar a novas memórias, ou como afirma Maurice Halbwachs (1990), fazer a seleção de memória, alcançar certo equilíbrio e

serenidade, com a premissa de que, talvez, a felicidade e a harmonia do viver inexistam sem a faculdade do esquecimento.

Por esse viés, o esquecimento é visto como uma atividade primordial para a constituição do ato de lembrar, uma vez que funciona não como o vilão, que apaga todas as marcas já produzidas pela memória, mas como aquele que seleciona,conseguindo abstrair do todoo essencial; como “força plástica criadora” (NIETZSCHE, 2011, p. 49).

Izquierdo (2004) apresenta quatro formas básicas de esquecimento: extinção; repressão; bloqueio e deterioração. Duas delas consistem em tornar as memórias menos acessíveis, mas sem perdê-las por completo; e duas outras incidem em perdas reais de informação: das duas últimas, uma delas por bloqueio de sua aquisição, extinção e repressão, e a outra por deterioração e perda de informação, ou seja, o esquecimento propriamente dito.

Neste sentido, para o já mencionado autor, a memória é transformação da realidade num conjunto de códigos cerebrais. É também a alteração de elementos desses códigos numa nova versão da realidade, diferente daquela do momento que é produzida.

Sendo assim, no ato de rememorar há, além da mutação de fatos, o esquecimento de outros, havendo com isso um processo de ganhos e perdas em que são acrescentadas as ressignificações feitas com olhos do agora. Nesse esteio, presente e passado são necessários ao equilíbrio da tábula rasa da consciência.

A lembrança que se tem do passado não é o passado literal em si trazido à tona, mas a representação dele. Na realidade, nada mais é do que uma seleção de detalhes que, por algum critério, foram eleitos para serem protegidos do esquecimento. Dessa forma, a faculdade do esquecimento é concebida como positiva. Em contrapartida, a tentativa de reter o máximo de recordações possíveis de determinado momento ou tempo vivido pode levar a um esvaziamento de sentidos.

Segundo Borges, “a memória é uma forma de esquecimento” (1999, p. 455). Desse modo, pode-se afirmar que, em linhas gerais, o ato de rememorar, entendido aqui como construção de memória, comporta, como já mencionado ao longo desse estudo, um sistema comum de esquecimento, e esse tem, como objetivo fazer ajustes, moldados, dentre outros fatores, pela imaginação. Isso torna mais

compreensível que esquecer é parte essencial do lembrar, não podendo ser visto apenas como algo ruim, ou como disse Nietzsche (2011, p. 28), “força da inércia”.

Outro fator relevante no tocante à faculdade humana de conservar o que foi vivido ou visto no passado é que, impreterivelmente, esse supõe escolhas. Escolher, nas palavras de Izquierdo, funciona como forma de esquecer. E lembrar, em geral, sempre é exceção no sentido de selecionar; afinal, o cérebro não é um depósito em que tudo cabe. Nesse sentido, o autor afirma:

> Esquecemos talvez, em parte porque os mecanismos que formam e evocam memórias são saturáveis. Não podemos fazê-los funcionar constantemente de maneira simultânea para todas as memórias possíveis, as existentes e as que adquirimos a cada minuto. Isso obriga naturalmente a perder memórias preexistentes, por falta de uso, para dar lugar a outras novas (IZQUIERDO, 2004, p. 23).

As perdas de memórias mencionadas ocorrem por meio de seleção, ou seja, há uma eleição de umas em detrimento de outras. Quando se fala em narrativas de memória, pode-se constatar que elas constituem formas de expressão das experiências humanas, sendo assim, concebe o esquecimento como base para que se concretizem. No pensamento de Izquierdo (2004), a quantidade de memórias é incalculável, pois, além das existentes, há as possíveis e as que nos chegam constantemente, sobre as quais não temos gerência.

Se na fala é tarefa impraticável relatar o todo visto ou vivido, tanto mais na escrita, que, naturalmente, requer seleção, escolha de vocábulos, pontuação, formas, dentre outros recursos, além de possibilitar incontáveis e plausíveis interpretações. Então, para conviver com outras pessoas, para a própria sobrevivência, para a criação de narrativas, é preciso esquecer. Como Iziquierdo (2004) pontua: “somos o que lembramos e também aquilo que não queremos esquecer” (p. 16).

É ponto pacífico entre os teóricos referidos ao longo deste trabalho a relação entrelaçada e evidente entre o esquecimento e a memória, bem como seu entendimento. E, concordando ou não com esta premissa, o fato é que não se pode negar que essas duas faculdades humanas são necessárias, principalmente porque a partir delas significamos experiências subjetivas, sociais e culturais do indivíduo; assim sendo, é preciso não se acostumar com o excesso de informações jogadas a

cada instante no mundo, pois essa extrapolação tão banal superficializa e esvazia de sentidos as ações da vida.

2.3 Os Estudos Literários e a Memória

As questões relacionadas à memória humana, em maior ou menor grau, e até por vezes, de maneira um tanto inconsciente ou informal, sempre estiveram entre as discussões voltadas para a tentativa de o homem explicar suas ações e sentimentos. É pelos caminhos dessa faculdade de conservar e evocar lembranças que se pode atualizar e conceber um novo sentido às informações passadas, sejam elas vivenciadas de fato ou simplesmente imaginadas. Além disso, é por meio dela, também, que se tem o poder de construir novas histórias. Isso, quando pensadas na perspectiva de dar novas significações ao passado.

Como já citado nesta pesquisa, é da Grécia antiga que vem o vocábulo "memória". É lá que se encontra Mnemósine, divindade poderosa que tinha a função memorialística, filha de Urano (Céu) e Gaia (Terra) e irmã de *Cronos* (Tempo). E, por possuir o conhecimento do passado, do presente e do futuro, dava aos poetas o poder de voltar ao passado para que estes, através dos seus poemas, pudessem legar à posteridade seus feitos.

Nesse sentido, Jaa Torrano, em *O mundo como função de musas*, revela que Mnemósine, a deusa da memória, "garantia a circulação das forças entre o domínio do invisível e o do visível" (2003, p. 70), assegurando, assim, o equilíbrio entre as forças do pensamento humano. Partindo desta afirmação, podem-se perceber os aspectos de poder que a memória carrega desde o princípio.

Desde a antiguidade, o homem costumava atribuir aos fenômenos da natureza a manifestação de alguma divindade, pois precisava de explicação para tais fenômenos. Cada deus possui determinada atribuição. Como exemplificação, tem-se Zeus, senhor do Olimpo e deus responsável pelo trovão, ou a deusa Afrodite, que era encarregada do amor, dentre outros. Essa característica era estendida também àsfaculdades humanas, à condição psicológica, bem como a todo legado de atividades diárias.

Em remotas eras, antes mesmo da existência do termo "literatura", quando prevalecia a oralidade, narrar o passado ou mesmo declamar poesia constituíam-se a base de transmissão e propagação da cultura e da educação gregas bem como

formas de conservar as práticas de vida e de sobrevivenciadas comunidades atávicas – a memória já possuía relevante valor para o homem.

Nesse tempo, quando a escrita era bem limitada, o papel do *rapsodo* (artista popular ou cantor que ía de cidade em cidade recitando poemas) e do *aedo* (um artista que cantava as epopéias utilizando instrumento musical) era de fundamental importância para a preservação da cultura do povo grego através do ato de narrar oralmente o passado.

Nesses tempos, sem imprensa nem papel, ou, pelo menos, com existência escassa desses instrumentos, não havendo, portanto, como registrar e tomar notas, treinar a memória era algo imprescindível e muito singular; assim sendo, quem dominava as técnicas mnemônicas era tido em alto conceito e muito valorizado. A memória adquirida por tais técnicas fundamentava-se basicamente em lugares e imagens, ou seja, passava primeiro pelo campo visual.

Nesse sentido, Weinrich (2001) afirma que o poeta grego Simônides de Ceos[6] é quem teria inventado a arte da memória. Segundo o autor, o fato aconteceu por ocasião de uma festa em que Simônides se encontrava, quando, repentinamente, o teto do salão desabou matando todos os convidados, e este escapara por se encontrar na parte externa do espaço festivo, uma vez que havia se retirado para atender a um chamado minutos antes. O acidente fez com que os corpos ficassem irreconhecíveis. Foi então que o poeta conseguiu recordar todos os lugares dos convivas à mesa, o que possibilitou a identificação dos corpos:

> Quando, depois da horrível desgraça, os parentesquerem enterrar seus mortos, encontram os cadáveres tão mutilados e desfigurados que não os podem identificar. Mas Simônides pode vir em seu auxílio. Como o poeta tem boa memória visual e recorda exatamente em que local da mesa de banquete se sentara cada convidado. Essa memória espacial permite-lhe identificar os mortos segundo sua localização no aposento. Desde essa façanha de memória, o poeta Simônides passa por inventor da mnemotécnica, considerada uma arte que pode vencer até mesmo o esquecimento (p. 30).

[6] Filósofo e poeta grego nascido em Lulis, na ilha de Ceos, viveu tanto em Atenas como na Tessália. Notável por sua poesia lírica, que ficou famoso na capital Ática por celebrar os heróis e batalhas contra os persas. Também considerado por muitos como o maior autor de epigramas do período arcaico. A ele foi creditada a invenção, então, do antigo sistema de *mnemotecnias*.

Desde então, foi consolidada também a ideia de que uma boa memória depende muito de como a visão capta a disposição das coisas no espaço, ou seja, lembrar passa, em primeira instância, pelo visual.

Particularmente, a literatura, com seu universo imaginativo, sempre lançou mão da memória como ferramenta para a expressão de vivências de um indivíduo e/ou de um grupo em determinados períodos. Logo, a evocação da memória no tecer de uma narrativa, assim como em outras manifestações literárias, importa em um elemento indispensável, uma vez que nutre a tessitura ficcional das personagens, dá vazão à criação de enredos, entrecruzando e amarrando ou desatando nós de fios narrativos.

Em verdade, pode-se afirmar que a necessidade de o homem conservar o seu passado e suas histórias específicas, ato que já vem de longínquas datas, acabou colocando a memória no centro das discussões e dos estudos ao longo de toda história da humanidade, ora com mais ou menos ênfase. E mais precisamente nas últimas décadas, ela está em evidência.

Todavia, segundo Nietzsche (2011), nem sempre foi assim, como apontaremos no decorrer deste texto. A respeito disso, Izquierdo (2010) salienta que o ato de lembrar remete diretamente ao ato de esquecer. Dessa forma, tal afirmação dá pistas de que a memória não anda em via única, mas em estradas que, embora pareçam paradoxais, são, na verdade, formadas pelo vai e vem de caminhos que se encontram em determinados pontos e vão, gradativamente, edificando-se. Nesse sentindo, a memória resulta do sumo de todas as lembranças rememoradas, não carregando o significado pejorativo do termo “sobra”, mas no sentido de “essência”.

No campo da literatura, podemos afirmar que é o resultado do recordar, através da linguagem, que consolida os textos literários. Nesse aspecto, como em todos os demais que se utilizam da memória, é preciso entender que existem lacunas entre as recordações e estas, por sua vez, são preenchidas pela imaginação, adquirindo vários significados, remetendo a uma multiplicidade de sentidos, ganhando pontos e perdendo outros. O ato de recordar passa pelos filtros de interesses, como já afirmamos, inclusive, os individuais.

Então é possível intuir que a memória não funciona como um depósito, no qual são armazenados fielmente todos os fatos, nem um registro fiel do vivido, mas uma interpretação do que foi experimentado no passado, e que no presente é

resgatado através das lembranças e cristalizado pela linguagem. E essa feição se aplica também aos textos literários.

A memória, segundo Ricoeur (2012), trava uma dualidade entre a imaginação e o real. Isso ocorre pelo fato de não se poder retratar o todo, ou seja, é o que ele chama de presença do que está ausente. Em torno disso afirma:

> Certamente, dissemos e repetimos que a imaginação e a memória tinham como traço comum a presença do ausente, e como traço diferencial, de um lado, a suspensão de toda posição de realidade e a visão de um irreal, do outro a posição de um real anterior (RICOEUR, 2012, p. 61).

Assim, a ausência presentifica-se pela representação do que passou, tendo como ferramenta básica a memória. O autor afirma ainda que a memória, dado o grau de subjetividade que carrega, traz consigo também uma carga de desconfiança, mas que isso ocorre pelo simples fato de que:

> Ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. [...] Para falar sem rodeio, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela (RICOEUR, 2012, p. 40).

Se a faculdade de recordar é, nas palavras do teórico, o único recurso para significar o caráter passado daquilo de que se declara lembrar, é nisso que ela se caracteriza com aspecto um tanto não confiável, visto que, também, desnuda um ato de representação. E representar algo, como já dito nesse texto, não constitui o algo em si, portanto, é mistura de real e imaginário. O que vem à memória quando se relembra são imagens que contêm as experiências ora vividas, adornadas pelas experiências do tempo presente.

Apesar do pertinente desejo do homem de se eternizar através da memória, bem como debates em torno da temática desta terem sido recorrentes ao longo de toda a história, é mais precisamente na segunda metade do século XX que estes tiveram uma ênfase bem maior, sobretudo a respeito de suas características e funcionamento. A esse crescente interesse e o significativo aumento de publicações em torno deste campo de estudo, é o que Beatriz Sarlo (2005) chama de “Boom da memória”.

A autora assevera também que houve uma mudança de foco, que pôs o sujeito no núcleo da reflexão. Segundo ela, até o final da década de 1960 havia estudos de estruturas e processos históricos, mas o sujeito acabava ficando à margem. Na obra *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, Sarlo (2005, p. 16-17) salienta:

> As “histórias da vida cotidiana”, produzidas, em geral, de modo coletivo e monográfico no espaço acadêmico, às vezes, têm um público que está além desse âmbito, justamente pelo interesse “romanesco” de seus objetos. O passado volta como quadro de costumes em que se valorizam os detalhes, as originalidades, a exceção à regra, as curiosidades que já não se encontram no presente.

Segundo afirmação acima, a guinada subjetiva nas narrativas é, exatamente, a eleição de temáticas do cotidiano como costumes, crenças, paixões do sujeito, levando, automaticamente, a escrita para a primeira pessoa, afirmando que “a história oral e o testemunho restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada” (2005, p. 19).

Na chamada Literatura de memória, embora se trate de ficção, suas narrativas enfocam vários campos do conhecimento como a psicologia, a sociologia, a filosofia e a história. Analisando uma obra que tematize a questão dos testemunhos dos campos de concentração nazista, por exemplo, têm-se um forte entrelaçamento entre a literatura e a história, são análises de textos e documentos que, em princípio, serviriam apenas à sociologia e a própria história, porém, através de uma linguagem esteticamente elaborada, transforma-se em um texto literário. O mesmo pode acontecer com os textos sobre memória e esquecimento, os quais seriam, em primeira instância, de interesse apenas da psicologia, contudo, encaixam-se perfeitamente em um texto ficcional, fazendo uma bem-sucedida simbiose.

Na área médica, os estudos da memória evoluíram na direção da compreensão dos meios fisiológicos, de como o ser humano armazena as informações a que está exposto, assim como os motivos pelos quais as perde. Por essa noção, esquecer é visto como doença, e lembrar como necessário, dentre outros motivos, como forma de curar traumas.

No campo das pesquisas literárias, esse fato é apresentado de modo a enveredar, na maioria das vezes, pelo recordar sob diversos prismas, dentre tantos, o de não repetir erros e o de deixar documentado para as gerações vindouras fatos ocorridos que não podem se perder da lembrança, embora estejam fincados no âmbito da ficção.

Nesse caso, pode-se citar a escrita sobre a ditadura militar ou a literatura escrita sobre o pós-guerra, pois os defensores desse tipo de escrita consideram que é a retomada reflexiva do passado que vai auxiliar a não repeti-lo, e sim delinear outra história, como uma reinvenção do presente.

Independentemente da forma como se apresenta, importa que a palavra memória cristaliza-se de maneira muito recorrente nos estudos atuais, de modo geral. Ressalta-se que, aqui, interessa mais o literário, embora seja preciso reconhecer que a separação desses campos possui uma linha divisória muito tênue, pode-se dizer, inclusive, quase imperceptível. É o que demonstra, como já mencionado, o imenso volume de trabalhos e publicações sobre o assunto, uma extensa produção que persiste em incontáveis abordagens e cada vez mais crescente.

Alguns escritores são, na Literatura que discorre sobre a memória, nomes importantes, dentre eles, a obra de Jorge Luis Borges representa um momento fundamental, constituindo-se uma expressão que rememora o tempo passado e cujos narradores representam não aquele que se põe a contar o que viu, mas como alguém que consegue expressar um novo formato e uma nova voz na recriação do que passou.

Em *Uma Memória do mundo – ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*, Júlio Pimentel (1998, p. 307) afirma: “A memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado”. Pela afirmação, percebe-se que trabalhar com a memória é sempre um pisar em falso, considerando que ao recordar atualiza-se o passado criando, por sua vez, possibilidades de transformá-lo. Nesse ínterim, inevitavelmente ocorrem transformações no que está sendo resgatado em forma de lembranças. E falando sobre a memória em Borges, o autor escreve:

> Falar de memória é reescrever Borges. Em todos os gêneros com que lida, ele trata – direta ou indiretamente, explícita ou sutilmente – dela, memória. Em seus ensaios, por exemplo, a memória pode

> servir para apresentar a Argentina passada, ou a Argentina desejável no passado (PIMENTEL, 1998, p. 307).

De fato, a temática da memória pode ser facilmente percebida na escrita de Borges, e, embora tenha preferências ecléticas em todo percurso de seu fazer literário, é pelos fios da memória que estabiliza sua escrita.

Os quatorzes contos de sua obra *O Livro de Areia* comprovam, sem precisar de profundas leituras, este aspecto. Desta obra falaremos com detalhes em um espaço específico deste texto, uma vez que ela constitui o corpo de nossa pesquisa. Por enquanto, é citada apenas a título de exemplificação.

O vocábulo “memória” sempre teve variados sentidos, passando por inúmeras alterações ao longo dos tempos. A definição que mais se generalizou é a que concebe a memória como armazenamento e evocação automática do passado.

Porém, nesta pesquisa, interessa uma visão rumo ao ato de rememorar, levando em consideração as duas faces da memória, que são os atos de lembrar e de esquecer, ponderando, mais precisamente, a inexistência de um sem outro. Além desse aspecto, será levada em consideração a atualização do passado na perspectiva de progressão, com a criação de novas significações.

Então, a dupla lembrar e esquecer constitui apenas oposição aparente, sendo, na verdade, instrumentos indispensáveis ao funcionamento da memória. A esse respeito, Ricoeur pontua: “Guardar dados e apagar outros são ações essenciais para o homem porque permitem o raciocínio; mas são também eles que põem em xeque a validade da memória como fonte da verdade” (2012, p. 27).

Outro aspecto a que Ricoeur se reporta quanto à questão da memória é avalidade desta como fonte de verdade. Segundo ele, isso ocorre, dentre outros fatores, porque, sendo ela uma retomada do que passou e que se expressa por alguém que viveu ou presenciou determinado fato, passa, inevitavelmente, pela vulnerabilidade própria do ser humano – e este é, por natureza, incapaz de apreender o todo de uma dada cena, quer na memória quer no momento de conceber a narrativa. Além disso, as versões de um mesmo acontecimento se estabilizam de maneira própria na memória de cada um. Essa particularidade contribui para infidelidade do que se rememora, porém, também contar exatamente como aconteceu, além de ser impossível, não é o propósito da memória, principalmente no campo da representação artística, como na literatura ou no

cinema. Nessa arte, por exemplo, podemos citar filmes que falam sobre a memória, como *Rashomon*[7] (1950), de Akira Kurosawa. O filme é baseado em dois contos de Ryūnosuke Akutagawa e aborda a apresentação de quatro perspectivas, relatadas por quatro pessoas diferentes, sobre o mesmo evento. Mostra-se, assim, a impossibilidade de obter a verdade sobre um evento quando há conflitos de pontos de vista. Pode-se citar ainda *La Jetée*[8] (1962), de Chris Marker, que aborda uma viagem no tempo através da memória, em que um homem é atormentado continuadamente por uma vaga lembrança da infância.

Maurice Halbwachs (1990) traz um acréscimo grande em torno da reflexão sobre a memória. Segundo ele, não se pode mais pensar a memória como apenas individual. É necessário reconhecê-la como uma realidade interpessoal e que depende, sobremaneira, de determinações sociais, de gênero, psicológicas e culturais, dentre outras. Na concepção do autor, a memória não pode ser vista separada do contexto da sociedade, uma vez que é a partir das experiências vividas nela que a lembrança é formada.

Neste sentido, Halbwachs (1990) discute a memória como sendo uma essência de conservação do passado, sendo, paralelamente, individual e coletiva na medida em que o indivíduo está, de alguma forma, sempre inserido em seu entorno, e a sua memória individual se associa a de um grupo específico. Para o teórico, a reconstrução do passado se dá a partir dos quadros sociais do presente, afirmando ainda que os tempos presente e passado constroem a memória, reinterpretando-a e dando-lhe novos significados. E assim afirma:

> A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda dos dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-sejá bem alterada (HALBWACHS, 1990, p. 71).

O autor assinala, ainda, que a memória, além de precisar ser entendida como um fenômeno coletivo ou social, também precisa ser compreendida como algo construído pelo sujeito a partir das influências de tempo, espaço e da pessoa ou grupo que rememora. Mais ainda, que esta capacidade humana deve ser concebida, sobretudo, como as reminiscências que emergem do pensamento de cada indivíduo

[7] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=W7tDUM5m7hU>. Acesso em: 31 out. 2015.
[8] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ab3B56azAbA>. Acesso em: 31 out. 2015.

no momento presente, construída no grupo social que é o determinador de tudo que deve ser memorável, bem como os lugares onde seria preservada essa memória, ao que o teórico denomina de quadros sociais de memórias – aqueles que guardam e regulam o fluxo das lembranças e são encarregados de fortalecerem a memória coletiva e definirem o que lembrar e o que esquecer.

Já em Nietzsche (2011), a memória é concebida não como uma construção natural e individual, mas resultado das pressões e violências sociais. Uma edificação criada à duras penas, inclusive com requintes de crueldade, quando o homem foi obrigado a fazer promessa e cumpri-la, o não cumprimento sendo pago com castigos até mesmo físicos. Apenas desta maneira foi possível gerar um *corpus* de lembranças, que fez com que esse homem, essencialmente esquecido, adquirisse as habilidades de prever e calcular.

Partindo dessa afirmativa, é possível entender que o homem quando criou a faculdade do lembrar, não fez isso por uma experiência suave e benéfica. E que o esquecimento é intrínseco ao ato de criação, pois como já citado neste texto, é através do dele que é permitido a pessoa libertar-se dos acontecimentos passados, impulsionando-a a viver o presente e, consequentemente, a realizar novas criações.

Para explicar o efeito da memória sobre o ser humano, Nietzsche faz uso da imagem de homem a observar um rebanho pastando, quando sente inveja dos animais pela inocência e felicidade destes perante a vida. Fato que ocorre porque o animal vive apenas o presente com suas sensações de prazer e dor, esquecendo-se logo em seguida do momento precedente. E, assim, o ser humano se pergunta: porque este animal não me fala da felicidade e das dores dele? Se o animal pudesse responder, certamente a resposta seria: “É porque esqueço”. E mais: esses sentimentos talvez só existam, exatamente, porque ele esquece.

Nesse aspecto, ele considera aquele que não consegue esquecer como ressentido, uma vez que, estando no presente, sem livrar-se do passado, não consegue viver bem nenhum dos dois tempos. O passado por ser impossível vivê-lo com todas as suas envergadurase o presente, por estar tão emaranhado no meio termo que não consegue libertar-se e viver o seu tempo.

Para Izquierdo (2010), a memória é a transformação da realidade num conjunto de códigos cerebrais, e também a transformação de elementos destes numa nova versão da realidade, diferente daquela do momento que é produzida, ou seja, há aí, além da modificação dos fatos, o esquecimento de outros. Nesta

compreensão, afirma o autor que: “Para pensar, [...] é necessário poder esquecer, para assim, poder generalizar” (p. 112).

Seguindo suas reflexões, Izquierdo (2010) salienta ainda que é presumível que o esquecimento seja, de fato, a face mais predominante de nossa memória. E este esquecer livrar-nos-ia, dentre outras coisas, da insensatez e do estresse cognitivo derivado de incontáveis informações – a maioria delas irrelevantes – a que o indivíduo é submetido constantemente; que permitiria, por exemplo, um melhor funcionamento da memória de trabalho[9]. Isso propiciaria umapaziguamento da vida psíquicafrente ao esforço de lembranças dolorosas ou inúteis.

Ao se pensar em termos de escrita literária inclusive, os que descrevem um tempo futuro, percebe-se que eles se utilizam da memória para mobilizar seus textos; basta lembrar, por exemplo, do personagem do conto “O Outro”, de Borges, em que o narrador idoso encontra-se consigo mesmo, num vai e vem de tempo compreendido de, aproximadamente, meio século, numa mistura de presenças e ausências. Nesta perspectiva, Izquierdo afirma:

> Todos fizemos e fazemos algo na vida, todos somos ‘alguém’, alguém que é quem é porque lembra de certas coisas e não de outras. Cada um de nós é quem é porque tem suas próprias memórias (ou fragmentos de memórias). Somos rigorosamente aquilo que lembramos, como disse o pensador italiano Norberto Bobbio. Mas eu acrescentaria à frase de Bobbio que somos também aquilo que decidimos esquecer. A natureza do que resolvemos reprimir ou extinguir também nos revela, a cada momento de nossas vidas,quem somos e aonde nos dirigimos (2010, p. 16-11).

Desse modo, esquecer é, em parceria com o lembrar, um exercício vivo e dinâmico, capaz de fazer com que o homem saiba situar-se diante de si mesmo e do grupo em que está inserido, bem como construir sua identidade.

Ao realizar uma excursão pelos estudos sobre a memória, percebe-se que o esquecimento sempre esteve muito presente, andando lado a lado com o lembrar, formando com esse, não sinônimos que se unificam em significados, mas antagônicos que se unem, tornando-se imprescindíveis para a existência um do outro. Porém, no que concerne ao esquecimento, este pode ser comparado com o ar

[9] Memória de trabalho ou memória de curto prazo entende-se como um componente cognitivo ligado à memória, que permite o armazenamento temporário de informação com capacidade limitada. Ver Izquierdo (2010).

que é vital para o homem. Dessa forma, sendo ele essencial, está o tempo todo presente, inerente, sendo perceptível à medida que se tornaausente.

Nas narrativas literárias, apesar de, durante um considerável espaço de tempo, o esquecimento aparecer em segundo plano, é possível perceber mudanças. Por exemplo, há algumas décadas é levada em consideração a relevância desse esquecimento para a análise e o entendimento de inúmeros aspectos de uma obra. Fator que contribui, no cenário dos estudos sobre a memória, para um deslocamento de foco, ou seja, tanto lembrar quanto esquecer são vistos como faces do rememorar.

Ao se pensar nas possíveis relações entre literatura e memóriaretomamos o apropriado exemplo do personagem Ireneo Funes, da obra *Funes o Memorioso*, de Jorge Luis Borges. Trata-se de um rapaz que, após um acidente,tornou-se um homem incapaz de esquecer o menor de qualquer detalhe. Para ele, viver era reviver, gastava dias inteiros lembrando-se de outros dias por completo. O tempo para Funes apresentava-se como uníssono, pois sua vivência do passado era tão real quanto o presente, dessa forma, o que ele viaera armazenado ao mesmo tempo em que era projetado. A narrativa traz a ideia de quão implacável foi a incapacidade desse personagem de esquecer, como um reforço, uma ênfase a esse fato, ao mesmo tempo, é como se solicitasse cumplicidade ao leitor, assim:

> Nós, de uma olhadela, percebemos três taças em uma mesa; Funes, todos os rebentos e cachos e frutos que compreende uma parreira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia compará-las na lembrança aos veios de um livro encadernado em couro que vira somente uma vez e às linhas da espuma que um remo levantou no rio Negro na véspera da batalha do Quebracho (BORGES, 2007, p. 5).

No conto, o narrador afirma: “Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair” (p.10). Tal afirmação leva a refletir, mais uma vez, em torno da importância do esquecer, pois, analisando a questão, embora a condição de Funes pareça ideal, por exemplo, para que fosse um grande historiador do mundo, uma vez que era incapaz de esquecer, é exatamente isso que o desabilita de tal função, visto que vivia sem o distanciamento necessário da problematização de fatos passados, eportanto, era incapaz de refletir e abstrair sobre aqueles.

Assim, Funes teria sido o ser com mais memórias do mundo, mas incapaz de produzir até mesmo sua própria história, preso que estava aos mínimos detalhes de tudo vivido. “Eu sozinho tenho mais lembranças que terão tido todos os homens desde que o mundo é mundo” (BORGES, 2007, p. 10).

Para que a memória tenha significado para o sujeito, este deve esquecer a maior parte do que viu, pois é condição *sine qua non* para o ato de lembrar o selecionar e classificar recordações, para assim poder alcançar o direito de esquecimento, destacando de tudo que lembrar o essencial para ser guardado no arcabouço de suas lembranças, reafirmando, assim, o caráter seletivo da memória.

Não se constitui novidade que a memória mantém relação com a dimensão do tempo passado, e que estabelece uma interação entre o esquecimento e a preservação desse passado. Novamente, utiliza-se aqui o caso de *Funes, o memorioso*, de Borges (2007), como exemplo para enfatizar que, apenas no campo da ficção, é possível imaginar alguém que consegue reter a totalidade do vivido. Dessa forma, lembrar e esquecer são ações que implicam seleção de informações, e se Funes não consegue construir história, uma vez que é impossibilitado de abstrair, é imperativo afirmar que não há memória sem esquecimento.

Concebidas dessa maneira, as marcas da memória podem ser percebidas em todo percurso do fazer literário, desde um tempo em que nem sequer havia a expressão literatura, mas apenas o vocábulo “poesia”, tendo o poeta a missão de narrar o passado, contar a história.

Dentre os aspectos de olhar a memória, relacionados com a literatura, busca-seaquio lembrar/esquecer e narrar, entendendo que, por esta, torna-se prático e menos tortuoso o ato de reviver fatos, histórias de tempos imemoriais.

No que tange à área da saúde, esquecer é, costumeiramente, visto como algo ruim e que deve ser tratado. Porém, considerando que o ser humano se encontra, atualmente, imerso num grande bombardeio de informações, parece que a humanidade precisa de um tratamento reverso, ou seja, é preciso curar o acúmulo de dados existente no cérebro. Essa ação se torna possível, apenas, pelo ato de selecionar lembranças via esquecimento.

Nessa perspectiva, Nietzsche afirma: “Em meio à menor como em meio à maior felicidade é sempre uma coisa que torna a felicidade o que ela é: o poder-esquecer ou, dito de maneira mais erudita, a faculdade de sentir a-historicamente

durante a sua duração” (2003, p. 9). Assim, o homem precisa aprender a esquecer para poder alcançar o equilíbrio necessário à boa convivência com seus pares.

Retomando a ideia de fazer seleção acerca do que deve ser lembrado ou esquecido, percebe-se que este ato causa, aparentemente, espanto e soa como algo não favorável ao ser humano. Isso acontece quando analisado pelo seguinte ângulo: o homem, ao fazer suas escolhas, inevitavelmente elimina, descarta, rejeita algo e como se vive no mundo do imediatismo, do individualismo, da fragmentação, cuja fugacidade e o descartável é o imperativo, a ideia de abrir mão de algo não chega como uma conotação confortável ao indivíduo. Porém, é necessário ser visto pelo lado do abstrair, do retirar o essencial de cada coisa, dando espaço para que novas se estabilizem. Tais ideias são corroboradas da seguinte maneira:

> Esquecemos talvez, em parte porque os mecanismos que formam e evocam memórias são saturáveis. Não podemos fazê-los funcionar constantemente de maneira simultânea para todas as memórias possíveis, as existentes e as que adquirimos a cada minuto. Isso obriga naturalmente a perder memórias preexistentes, por falta de uso, para dar lugar a outras novas (IZQUIERDO, 2010, p. 21).

Nesse sentido, para o autor, as generalizações feitas através do ato de esquecer é que viabilizam o ato de pensar. Portanto, é possível vislumbrar quão importante é o esquecimento, uma vez que, através dele, há possibilidades da construção do conhecimento, de discernir o viável em cada estágio da vida.

3 BORGES E A MEMÓRIA

Não constitui novidade que a temática da memória seja recorrente em narrativas literárias. Alguns escritores a tomam como parte básica de suas obras. Jorge Luis Borges, por exemplo, apesar de trazer variadas abordagens em seus escritos, elege em boa parte desses o viés memorialista como pilar.

Nas seções abaixo, trataremos sobre a memória na escrita de Borges, bem como as estratégias encontradas por ele para produção da literatura memorialista que considera, dentre seus tópicos, o esquecimento. De forma panorâmica, serão partilhados alguns traços biográficos do autor, além de uma concisa apresentação da obra e alguns dos referenciais mais relevantes sobre sua atividade como escritor.

Assim, no intuito de compreender a forma como este aspecto é abordado por alguns estudiosos na obra de Borges, elencam-se aqui alguns referenciais que se somam aos antecedentes de pesquisa. E, para melhor compreensão, dividem-se estes em grupos distintos. Assim, no primeiro estão os textos que, embora não tratem precisamente da temática da memória em Borges, são textos que tratam da obra dele, sob variados aspectos, sendo, desse modo, importantes para esta pesquisa. No outro grupo, estão os que discutem, com mais precisão, as abordagens memorialistas, de modo geral na obra borgeana, revelando o esquecimento como parte essencial de sua construção.

3.1 Borges e a escrita

Dentre as diversas abordagens realizadas por Borges em sua vasta produção literária recortou-se, para este estudo, o viés memorialístico, relacionando-o ao lembrar e ao esquecer, como exercício para a edificação da memória. Desta forma, busca-se entender como escrita borgeana representa memória e esquecimento através da escrita.

Há na escrita do citado escritor um composto de ficção e realidade. Inclusive, com traços de sua biografia quando, por exemplo, traz personagens que possuem o nome de “Borges” ou é bibliotecário, como ele foi. Por meio desse entrelaçamento, vai se edificando não apenas uma simples narrativa criada pelo imaginário, mas a construção de dois mundos que se confundem. E ao tratar da memória, Borges deixa clara a tendência que essa possui de ser escorregadia, no que concerne a

ditar verdades, fato que contribui para melhor comprovar o aspecto mesclado entre realidade e ficção.

Pimentel (1998) declara a respeito da escrita de Borges que, dado tamanho entrelaçamento entre o real e o imaginário, foram geradas duas maneiras de ver sua obra, no que se refere ao seu posicionamento diante da história política e social de seu tempo. Dessa forma, uma parte da crítica o caracteriza como uma espécie de alienado, classificando-o como um escritor que foi alheio à história. Por outro lado, existe uma crítica que defende a ideia de que as estratégias utilizadas por Borges em seus escritos carregam muito do fazer historiográfico, entendendo que sempre houve por parte de Borges um profundo entrelaçamento entre literatura e história, fato que o coloca na posição de autor engajado com o contexto em que vivia. Nesse sentido destaca:

> Boa parte dessa crítica defende que, durante décadas, a ideia de que Borges é um autor alheio à história, fechado em seu universo-biblioteca,mundo repleto de livros e de construções fictícias, autor nascido e criado no campo da ficção, autor estranho à história. Outro lado da crítica – mais recente – vê, ao contrário, em Borges algumas estratégias de reflexão sobre a história, seu lugar, seus sentidos; obra tecida num local de fronteira, entre ficção e história (PINTO, 1998, p. 22).

Além disso, segundo ele, diante de tantas transformações ocorridas nos últimos tempos, tornou-se impossível conceber qualquer campo do saber de modo isolado. E, sendo a literatura parte da cultura de um povo, é natural que a história apareça como temática de inúmeras narrativas literárias.

Sob essa ótica, percebe-se que, na verdade, o fazer literário, assim como qualquer fazer artístico, sempre esteve, ora mais ora menos, intricado com a história. Quando nos referimos a Borges, sobretudo no que concerne à memória, este aspecto também caminha na mesma direção. Nessa trilha, Pimentel (1998) afirma:

> A memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado. A obra de Borges, enfim, não apenas tem na memória um de seus temas privilegiados: ela é, como um todo, um exercício da memória, dessa vontade de lembrar, da ordem irrefutável de retomar referências passadas (PIMENTEL, 1998, p. 307).

A pesquisadora brasileira Eneida Maria de Souza (1999), em seu estudo *O século de Borges*, traz significativas abordagens sobre o universo do escritor. Segundo ela, “ainda que tenha nascido no apagar das luzes do século XIX, Borges imprime no século XX o seu traço ficcional, tornando-o borgeano” (SOUZA, 1999, p. 25).

O estudo a que nos referimos acima traça aspectos variados da obra de Borges. Para esta pesquisa, cabe ressaltar, de um modo geral, os que aludem à memória, à escrita, aos livros, dentre alguns.

Entre os temas recorrentes em Borges está a equiparação entre leitores e escritores, uma vez que o ato de criação, para o escritor argentino, ao contrário do que supõe a estética do gênio de matriz romântica, é um dom humano universal. Esses se confundem e são representados em/como livros, bibliotecas e Enciclopédia, que, por sua vez, constituem a metáfora do universo. Ao se referir às metáforas borgeana, Souza (1999) defende que:

> A metáfora funciona como saída ilusória dos conflitos montados pela interpretação realista da história, rejeitada por Borges em razão de seu desprezo pela ordem causalista e de seu apreço pelo acaso dos acontecimentos. A cegueira de Borges aguça também a prática autobiográfica por meio de associações metafóricas entre a obra e a vida, em que os temas da noite, da biblioteca, do livro e do ofício de escrever se reduplicam na figura do escritor cego. O real se prolonga na ficção e a vida passa a ser lida como livro (SOUZA, 1999, p. 66-67).

Nesse sentido, pode-se observar que a obra de Borges denota a ideia de uma constante duplicação na qual se entrelaçam realidade e ficção, podendo esse fato ser detectado a partir da leitura de suas várias produções, mas com mais precisão a partir da leitura de “O Aleph”.

Outro estudo que elencamos nesta pesquisa é o de Ana Cristina Santos (2011), no artigo intitulado “Jorge Luis Borges, P. a escrita como exercício da memória”. A autora afirma que, para Borges, o mundo é um labirinto com paredes formadas de tempo, este é parte constituinte da memória – e de saída impossível. Assim, o tempo é o grande problema do ser humano, e, portanto, precisa ser combatido.

Ana Cristina Santos (2011) revela ainda que:

> A memória é necessária para guardar os registros do passado. A realidade pretérita só é recuperável mediante a memória. Contudo,não se pode confiar na memória. Ela é uma faculdade que elege arbitrariamente, falseia, seleciona e, portanto, esquece detalhes insubstituíveis e preciosos. Dessa maneira, com o objetivo de não perder nenhuma experiência o homem escreve. O único modo de recuperar os acontecimentos é escrevendo-os. Experiênciasvividas em todos os seus detalhes. Esta é a única alternativa que o homem possui em sua realidade linear e cronológica para imortalizar-se (2011, p. 14).

Nesse sentido, fica claro que a escrita é das formas mais eficazes para o ser humano preservar suas memórias. Além disso, o texto escrito imputa uma capacidade de proteção àquilo que deve ser guardado na lembrança. Contudo, há que se comunicar que como todo mecanismo de preservação da memória, a escrita também carrega suas fragilidades no que diz respeito à fidelidade dos fatos narrados.

José Wanderson Lima Torres, em sua tese de doutoramento intitulada *O Aleph e seus duplos: mímesis e autorreflexividade na obra de Jorge Luis Borges*, defendida em 2012, pela UFRN discorresobre “O Aleph”, considerando este como o símbolo central do universo ficcional de Borges. O autor afirma que há uma espécie de duplicação desse símbolo em todo percurso da escrita borgeana. E no trabalho de entender os mecanismos que demonstram este aspecto, Torres (2012) defende que:

> Borges não vê a literatura como forma secular de salvação, nem a reduz à condição de passatempo refinado. A literatura de Borges dobra-se sobre si mesma, mas não completa seu ciclo neste gesto: há algo fora do texto, a que ela quer se apossar. Esse algo, chamemos provisoriamente de “mundo” ou “real”, é o porto final a que as ficções borgeanas visam atingir (p. 13).

Continuando seu estudo, Torres (2012) assegura ainda que a obra de Borges constitui uma certa militância com o objetivo de ultrapassar o realismo ingênuo e alcançar um realismo autoconsciente. Para tanto, o pesquisador utiliza a teoria da *mímesis* discutida por Luiz Costa Lima.

Porém a parte que, especificamente, mais se ajusta a esta pesquisa é a quese refere aos contos *Funes, o memorioso* e *O livro de areia, f*ato que se justifica porque o primeiro discute a memória pela necessidade de esquecer; já o segundo,

além de trazer análise pelo viés memorialístico, é um dos contos que faz parte do corpus deste estudo.

Ao analisar a memória em Funes, caracteriza-a como vulnerável a falhas. Sendo assim, feita por meio da seleção de umas lembranças em detrimento de outras. Isso pode ser comprovado quando Torres (2012) fala do narrador do conto, como na passagem:

> Contará a história de alguém (Irineo Funes) dono de uma memória prodigiosa, mas o fará por meio de uma memória lacunar, imperfeita [...] Sendo a memória do narrador débil e imprecisa, e sendo dele o papel de nos relatar a história, sabemos que se trata, sem dúvida, de um narrador não confiável; inconfiabilidade essa não de que ele vá mentir, mas de que esqueça partes importantes dos fatos ocorridos ou de que confunda o acidental com o essencial (2012, p. 116-117).

O autor prossegue seu estudo analisando o contraste inerente à memória ao afirmar que o conto “Funes, o memorioso” traz, ironicamente, um esquecido falando de um memorioso. Dessa forma, o papel da memória é ressaltado como metáfora dos limites de representação (*mímesis*) da linguagem humana.

Na análise que faz de “*O Livro de Areia”*, Torres (2012) destaca que, assim como em vários outros contos de Borges, nele também é desvelada a pretensão do infinito para que se possa compreender a impossibilidade deste. Assim sendo, fica claro a inviabilidade de uma narrativa conseguir resgatar o todo de qualquer acontecimento, segundo ele, como pretenderam algumas estéticas literárias. Sendo assim, o recorte é necessário, de modo que se desvie do risco de incorrer na falta sentido. Nas palavras de Torres:

> Todo livro, por mais ambicioso que seja, realiza um recorte sobre o mundo, quer explicar uma porção do mundo que, por mais ampla que seja, não é o mundo todo. Se um livro não empreende um recorte sobre o mundo, se não apresenta certa unidade de estilo e certa perspectiva de abordagem ele, de fato, apenas reproduzirá tal e qual o caos do mundo. Ao invés de apresentar uma interpretação do mundo, ele irá duplicá-lo sem lhe dar legibilidade. Pois este é o Livro de Areia: nele convivem todos os temas, todos os estilos, todos os gêneros, todos os idiomas – portanto, ele é o próprio mundo e não uma interpretação do mundo (TORRES, 2012, p. 124).

Há, nesse pequeno fragmento, a contemplação da ideia discutida neste trabalho, que é o problema da pretensão do todo. É possível acrescentar que não

apenas “todo livro”, como afirmado acima, mas toda construção, se não fizer um recorte, perde a noção de legitimidade. Tal como a memória, que também necessita de seleção.

Andréia Meinerz (2008), mestre em Filosofia Contemporânea pela UFRGS e professora de Filosofia do Instituto Técnico Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, em artigo intitulado “Viés e revés da memória: Reflexões a partir de ‘Funes - o memorioso’ de Borges e a doença do esquecimento em ‘Cem Anos De Solidão’ Gabriel García Marquez” faz reflexões acerca da memória e do esquecimento. A análise é feita a partir do diálogo entre os conceitos de filosofia de Walter Benjamim e as imagens literárias contidas no conto *Funes, o memorioso,* de Jorge Luis Borges e em trechos da obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel García. Conta ainda com as contribuições teóricas da teoria literária e da psicanálise.

Aqui interessam, mais especificamente, as ponderações em torno da memória vista como na declaração: “Analisar a questão da memória, [...] requer, inevitavelmente, pensar em seu correlato, o esquecimento, fruto dos excessos de velocidade e informação que perpassa todas as existências contemporâneas...” (MEINERZ, 2008, p. 2). Uma vez que discutir a memória, cedendo ao esquecimento um lugar de igualdade com as lembranças, é a tese que guia a presente dissertação.

Outra pesquisadora em quem se buscam contribuições para este trabalho é Marília Nogueira Carvalho. Em suadissertação de mestrado da UFMG, defendida em 2010 com o título *Jorge Luis Borges e as histórias do sem fim: do espaço e seus desdobramentos*, a pesquisadora faz uma reflexão em torno do espaço e como esse se desdobra em linguagem, tempo e história. A análise do espaço e do tempo é feita a partir do entrelaçamento entre memória e esquecimento como produtores de novas histórias. Segundo Carvalho, o esquecimento não deve ser visto como fim, mas como revela o trecho abaixo:

> Não intencionamos apresentar o esquecimento como um mal ou “um alimento impuro”, [...] mas como o instante de interrupção da memória, aquele que se instaura no espaço em branco do lembrar, no momento em que ela “definha/sobre o ontem e as perdidas coisas”, quebrando assim o contínuo da narração (2010, p. 77).

Além do que já foi exposto, o motivo central que levou à busca deste trabalho como uma das referências é o fato de que, para a realização da análise Carvalho elege quatro contos de Borges, os quais “O livro de areia”. Discute, entre outros

aspectos, o da impossibilidade da totalidade pretendida pelo livro sem começo nem fim, como se apresenta o trecho citado. Nesse sentido, revela o esquecimento como equilíbrio entre a completude almejada e a incompletude alcançada. Segundo a autora, o “esquecimento tece a memória, ou o discurso a partir dela” (CARVALHO 2010, p. 78).

3.2 A poética de Borges

A literatura borgeana é marcada por temáticas variadas, conseguindo fazer com que indagações filosóficas, metafísicas ou históricas sejam convertidas em abordagens literárias, de um modo inovador e, aparentemente, natural. Tendo como uma das características marcantes a criação de mundos que se confundem entre o real e o imaginário, sendo estes conduzidos por normas próprias. Para tanto, Borges utiliza elementos variados como o labirinto, infinitas bibliotecas, duplicação de um personagem em outro – como no conto “O outro” – vastos espaços que se desdobram infinitamente, caminhos sem fim e livros com incalculáveis números de página*s,* como *O Livro de Areia.* Além disso, faz uso da metalinguagem, o que leva à noção, já dita nesse texto, de que sua narrativa está sempre remetendo a ela mesma.

Toda obra de arte, em maior ou menor grau, carrega consigo o fundamento histórico. Porém, isso não implica dizer que o trabalho artístico seja por completo um retrato fiel da história, haja vista que a arte é, sobretudo, um misto de possibilidades de variadas leituras, releituras e significações.

A pena de Luis Borges não foge a isso. Apesar de que, quando se fala de sua escrita, é comum a ideia de uma obra voltada para a autorreferência, centrada em si mesma, que ignora a realidade vigente, como apontamos anteriormente. Porém, pode-se afirmar que a história em Borges está nas entrelinhas do processo de criação.

A questão básica é que, para ele, história e ficção não possuem uma linha demarcatória definida com tanta precisão. Ou seja, no texto de Borges, essas duas categorias são colocadas em um mesmo horizonte de significação e relevância.

Então, contrariamente à crítica dirigida a Borges, de não escrever sobre Argentina e seus problemas, chamando-o, inclusive, de antinacional[10], Borges mostra que o tema local/regional pode ser abordado sem, necessariamente, citar elementos nacionais, visto que, para ele, não é necessário concretizar o argentino para torná-lo argentino.

A esse respeito, Beatriz Sarlo em *Jorge Luis Borges: um escritor da periferia* (2008), afirma:

> Não existe escritor mais argentino que Borges: ele se indagou, como ninguém, sobre a forma da literatura numa margem do ocidente. Em Borges, o tom não depende da representação das coisas, mas da formulação de uma pergunta: como é possível escrever literatura numa nação culturalmente periférica? A obra de Borges nunca deixa de assediar esse problema, que pertence ao núcleo de grandes questões em aberto numa nação jovem, sem fortes tradições culturais próprias (SARLO, 2008, p. 16).

Em outro trecho, é o próprio Borges quem revela não ver como necessário falar especificamente de algo da Argentina para estetizar a história desta nação em seus escritos. Para tanto aplica, como exemplo, a inexistência da referência a camelos no Alcorão, afirmando que para uma narrativa ser sobre árabes, necessariamente, não precisa se referir a estes animais e, ainda assim, continua sendo árabe.

> Encontrei há dias uma curiosa confirmação de que o verdadeiramente nativo sói (e pode) prescindir da cor local. Encontrei essa confirmação na “História do declínio e queda do Império Romano”, de Gibbon. Este autor observa que no Alcorão, o livro árabe por excelência, não há camelos; creio que se houvesse alguma dúvida sobre esta autenticidade do Alcorão, bastaria esta ausência de camelos para provar que ele é árabe. Foi escrito por Maomé, e Maomé, como árabe, não tinha por que saber que camelos eram especialmente árabes; eram para ele parte da realidade e não tinha que distingui-los. Um empulhador, um turista ou um nacionalista árabe, por outro lado, a primeira coisa que teriam feito seria povoar de camelos, de caravanas de camelos, cada página; Maomé, porém, como árabe, estava tranquilo, pois sabia que podia ser árabe sem camelos. Creio que nós argentinos podemos parecer-nos com Maomé; podemos crer na possibilidade de sermos argentinos sem abundar da cor local (BORGES,1998, p. 120).

[10] Ampla discussão sobre o nacionalismo em Borges pode ser consultada em Sarlo (2008), a quem citamos mais adiante.

Observa-se, assim, que a afirmação de Sarlo e a de Borges comungam da mesma opinião, ou seja, a obra de arte transborda para além das fronteiras de uma nação, pois ela retrata a condição humana. Como o próprio Borges "ser argentino é uma mera presunção, uma máscara" (BORGES, 1998, p. 126).

Trazendo essas ideias para o Brasil, pode-se categoricamente afirmar que uma narrativa consegue representar ficcionalmente o Rio de Janeiro sem obrigatoriamente citar o Cristo Redentor, o Corcovado, nem mesmo o carnaval e o samba, e permanecer representando o Rio.

Nesse entendimento, pode-se observar que, necessariamente, não é preciso falar de algo específico da Argentina para estar escrevendo literatura argentina, pois a temática das filosofias, por exemplo, demonstra o universal sem deixarem de ser latino-americana. Para Sarlo, a obra de Borges não é límpida e não se instala por inteiro em nenhum lugar. Em torno da questão, a autora salienta que:

> Borges inscreve uma literatura no limite, reconhecendo ali uma forma cifrada da Argentina. Superfície indecisa entre a planície e as primeiras casas da cidade, as *orillas* possuem as qualidades de um lugar imaginário, cuja topologia urbano-*criolla* desenha a clássica rua "sem calçada em frente". […]. Borges escreve um mito para uma Buenos Aires que, a seu ver, precisava de um. A partir de uma memória que quase não é a sua, opõe à cidade moderna essa cidade estética sem centro, construída inteiramente sobre a matriz da *margem* (SARLO, 2008, p. 49-50).

Borges sempre viveu sob fortes influências no campo da literatura, principalmente dos pais e avós, uma vez que sua casa era espaço de reuniões de nomes da intelectualidade argentina de princípios do século XX, nas quais se desvelavam a fabulação de história, de memórias e, assim, seu mundo era povoado de enredos lidos e narrados por estes. Esse fato estimulou muito cedo seu ingresso nas literaturas inglesa, americana, francesa, assim como a história da Argentina.

Ele produziu, como diz Sarlo (2008), uma literatura de fronteira, uma literatura da periferia, provocativa e inovadora. Aí também parece estar uma das justificativas para tantas citações da literatura universal e referências à história da Argentina em suas obras.

É visível que leituras, livros, bibliotecas sempre fizeram parte da vida de Borges, aspectos que foram estendidos para sua produção escrita. E, no entrecruzar de vida e obra, algumas coincidências vão se desenhando em sua trajetória. Como

por exemplo: foi nomeado professor de literatura na Universidade de Buenos Aires e diretor da Biblioteca Nacional da República Argentina, episódio que lhe rendeu “Poema dos dons” em que revela, dentre outros aspectos, a felicidade de estar entre livros, apesar de não poder mais lê-los de forma convencional, uma vez que já estava cego.

Nesse poema, Borges destaca mais uma vez a importância desses elementos em sua vida, bem como fazreferência a sua gradual cegueira, que o impedia de manusear os livros como desejava, expressando, assim, o dom da leitura e o poder de posse de todos os livros da biblioteca em contrapartida a ironia de estar cego, como podemos observar no trecho do poema:

> Ninguém rebaixe a lágrima ou rejeite
> Esta declaração da maestria.
> De Deus, que com magnífica ironia
> Deu-me a um só tempo os livros e a noite.
>
> Da cidade de livros tornou donos
> Estes olhos sem luz, que só concedem
> Em ler entre as bibliotecas dos sonhos
> Insensatos parágrafos que cedem
>
> As alvas a seu afã (BORGES, 1999, p. 222).

Em 1961, Borges é contemplado com o primeiro prêmio internacional de editores, o Prêmio Formentor Internacional[11]. É válido ressaltar que independentemente de qualquer prêmio ou contexto, o livro para este escritor argentino sempre mereceu culto e era considerado extensão da memória e imaginação. A respeito deste fato, o próprio Borges escreve:

> Dediquei parte de minha vida às letras, e acredito que uma forma de felicidade é a leitura; outra forma de felicidade menor é a criação poética, que é uma mistura de esquecimento e recordação das coisas que lemos. Se lemos um livro antigo é como se lêssemos todo o tempo transcorrido entre o dia em que ele foi escrito até nós. Por isso convém manter o culto ao livro. O livro pode estar cheio de erratas, podemos não estar de acordo com as opiniões do autor, mas ele ainda conserva alguma coisa sagrada, alguma coisa divina, não

[11] Conhecido como Prêmio Formentor de las Letras, Literatura, o Prêmio Formentor é um prêmio literário internacional dado entre 1961 e 1967. Depois de um longo intervalo, foi restabelecido em 2011. Na década de 1960, o Formentor Grupo ofereceu dois prêmios, o Prêmio Formentor e o Prêmio Formentor Internacional; o primeiro dado a obras inéditas e o segundo, dada a obras já em distribuição, reconhecendo seu autor numa ressonância mundial. Foi esse que Jorge Luis Borges recebeu. O prêmio leva o nome da cidade de Formentor, na ilha espanhola de Mallorca, que era famosa por seus encontros literários.

> com respeito supersticioso, mas com o desejo de encontrar felicidade, de encontrar sabedoria (BORGES, 1977, p. 21).

Suas preferências, como o infinito, a desordem e os espelhos, são metaforizadastambém por livros e bibliotecas; ora pelos volumes sem começo nem fim, ora pela representação do todo através das bibliotecas, como se percebe no conto “Biblioteca de Babel” (1998) em que esse espaço metaforiza o universo.

Essa tônica na obra de Borges é constante, podendo ocorrer nas mais diversas tipologias textuais realizadas por ele, inclusive nos textos bem curtos como o conto, forma literária mais representativa da escrita borgeana. Ítalo Calvino, na obra *Por que ler os clássicos* (1993), chamou o trabalho de Borges de “poética da brevidade”, dada sua preferência por textos curtos, uma vez quenãoescreveu romances, ação que não traz prejuízo à escrita ao representar a infinitude das coisas e do mundo.

Já Monegal (1980) denomina a escrita borgeana como uma “poética da leitura”, pois diante de inúmeras citações de outras obras em seus escritos, Borges se autodenomina mais leitor do que escritor. Além disso, segundo o autor, a preferência na obra de Borges em tematizar os livros tem relação com o fato de ele próprio acreditar que todos os livros mantêm uma inter-relação com outros escritos. O próprio Borges declara: “[...] talvez, a literatura universal seja uma série de variações sobre o mesmo tema” (BORGES, 2012, p. 74).

Monegal (1980) analisa quatro perspectivas na obra de Borges: a primeira, o olhar da crítica francesa nos últimos tempos sobre a escrita borgeana. Nessa parte, lembra que a obra de Borges despertou autores das mais diversas áreas, citando, dentre esses, o filósofo francês Michel Foucault, que inicia seu livro *As Palavras e as Coisas* (1999), afirmando que a sua obra nasceu de um texto de Borges.

Embora Foucault não cite, por exemplo, o título do texto de Borges ao qual se refere, é muito claro que ele o tem como ponto de partida para aquela obra. Neste aspecto, Monegal lembra que Foucault analisa a obra de Borges como uma escrita que, dentre inúmeros fatores, é capaz de renascer a cada leitura:

> Foucault... aponta para o centro da escritura borgeana: uma empresa literária que se baseia na “total” destruição da literatura e que, por sua vez, paradoxalmente, instaura uma nova literatura; uma “écriture” que se volta para si mesma para recriar, com suas próprias cinzas,

> uma nova maneira de escrever; uma fênix, oh, não muito frequente (1980, p. 44).

No segundo aspecto da perspectiva citada, faz-se um paralelo entre a escrita de Borges e Octavio Paz, numaparentediálogo entre os textos dos dois autores. Monegal (1980) começa por dizer o quão provocadoras se constituem as escrituras desses dois autores, afirmando que:

> Há poucos nomes mais tantalizadores na cultura contemporânea que os de Jorge Luis Borges e Octavio Paz. Tanto o poeta argentino como o mexicano transcenderam, de alguns anos para cá, os limites algo reduzidos, de seus respectivos âmbitos e projetaram sua obra na América (Latina ou não), no Ocidente europeu (MONEGAL1980, p. 46).

E nas terceira e quarta análise, respectivamente, Monegal traz:

> A definição de uma poética da leitura que se apoia nos textos de ficção e de crítica produzidos por Borges, mas que também examina o texto escrito de sua biografia [...]. E a exposição das teorias sobre a ficção que inaugura o novo romance hispano-americano, às quais Borges agrega intuições devastadoras (1980 p. 15-16).

Na verdade, esta é a tônica da obra: a ideia de que Borges elabora um discurso literário que outorga à leitura papel essencial do fazer literário, ou seja, “poética da leitura” (MONEGAL, 1980).

As narrativas, de modo geral, têm uma tendência a explicar os fatos hierarquizando-os e cortando o que poderia conferir a elas uma visão de desordem, com fins de ordená-las, pelo menos, numa sequência de sentido dentro da própria obra, atribuindo-lhes verossimilhança que, pelo próprio conceito, não concede a ideia de verdade ou de verdadeiro, mas a de considerar tudo o que está ligado ao campo das possibilidades simbólicas na ordem narrativa.

Borges, contrariamente, dá preferências ao inverso de tudo isso, multiplica até a exaustão, sem interesse algum em explicar nada, pois os sentidos que, por ventura, são percebidos em sua escrita vão surgindo naturalmente, sem uma exacerbada preocupação em tudo elucidar.

Esses movimentos expansivos da escritura borgeana estão, continuamente, multiplicando as páginas de sua obra. Isso porque um dos fatores preponderantes é a multiplicidade ou, pelo menos, a duplicidade, até mesmodo indivíduo, feita através

de alguns elementos que são recorrentes em sua literatura, como já citados ao longo desta pesquisa. Sarlo (2001) salienta a duplicidade em Borges, especificando como se estabelece os significados desses objetos em sua produção escrita:

> No labirinto maior há um espaço que também se chama labirinto, cumprindo assim com o requisito borgeano das caixinhas chinesas: figuras dentro de figuras. Duplicações, fotografias, traduções, manuscritos e obras impressas, quadros, espelhos, duplicatas, superfícies polidas, fazem seus papéis de duplos. Os relógios de bolso acumulados em desordem numa vitrine, o relógio de areia em uma outra, mostram um tempo parado, circular e periódico como o que Borges conjecturou em relatos e poemas (2001, p. 8).

O que se pode afirmar em torno desse aspecto é que diante da aparente desordem e infinidade de coisas, sejam estas reais ou hipotéticas, a obra literária de Borges reserva sempre uma página a mais para o seu leitor a cada leitura.

A produção escrita de Borges é vasta, além de possuir temáticas variadas. Dentro desta variedade, a memória constitui um dos elementos marcante. Neste sentido, é válido ressaltar que, não apenas no conto “Funes, o memorioso*”*, pode-se perceber o jogo entre lembrança e esquecimento, refletindo quão vantajoso e criativo é o ato de esquecer, mas várias passagens de sua obra revelam essas marcas. Nesse entendimento, Martín Fierro, personagem de uma de suas narrativas, por exemplo, afirma: “Saibam que esquecer o ruim é também ter memória.” (1999, p. 602).

No poema “*Um Leitor”* da coletânea *Elogio das sombras* (2001, p. 70)*,* Borges assim se refere ao ato de perder memórias: “Minhas noites estão cheias de Virgílio; ter sabido e ter esquecido o latim é uma posse, porque o esquecimento é uma das formas da memória, seu impreciso porão, a outra face secreta da moeda”. Pelo poema é possível inferir, mais uma vez, que, para Borges, a memória é povoada de esquecimentos, portanto é imprecisa, sendo possível ir adicionando fatos e descartando outros ao longo de uma narração.

Já em “O Aleph” (BORGES, 1998), o autor coloca em *xeque* a autenticidade dos acontecimentos narrados, produtos da evocação da memória, reafirmando que esquecer faz parte e que recordar, automaticamente, passa por uma seleção que leva em conta, também, a vontade do recordante.

Nesse sentido, assim escreve: “nossa mente é porosa para o esquecimento; eu mesmo estou falseando e perdendo, sob a trágica erosão dos anos, os traços de Beatriz” (BORGES, 2000, p. 698).

Quando se trata de arte escrita, pode-se afirmar que pensar o modo como a literatura constrói sentidos é, sem dúvida, uma tarefa complexa. E pensar essa construção de sentidos através da memória em relação ao esquecimento constitui uma empreitada mais complicada ainda, haja vista que, de modo geral, a tônica das narrativas de memória descamba, na maioria das vezes, para o combate ao esquecimento, trazendo, em contrapartida, a ideia cada vez maior do lembrar.

Porém, urge entender que preservar memórias não significa amarrá-la ao passado, impedindo o desenvolvimento de quem se predispõe a manter sua preservação, mas sim conservar seus pilares constituintes, ficando aberta a formação de diferentes sentidos, pois a instauração de novas ordens sociais que estabelecem novos paradigmas, valores e linguagens são inevitáveis e conduzem a maneiras inovadoras de resguardar lembranças.

Partindo desse ponto, é evidente o movimento dos estudos que consideram o esquecimento como algo a ser levado em consideração, ao discutir o ato de recordar. Dentre os estudiosos da questão, como já mencionado aqui, encontra-se Izquierdo (2004), que analisa a memória humana como complexa, na sua estrutura e no seu funcionamento.

Pensando isso em termos de transposição para o papel, e considerando que, no momento da escrita, perdem-se os recursos da entonação, dos gestos, da exemplificação concreta, dentre outros, torna-se imperativo concordar com o teórico; se na oralidade – em que são facilmente detectadas as possibilidades de explicar, repetir e referendar – muito se perde, façamos uma ideia do que ocorre na escrita. Ao transpor as lembranças para o papel, essas perdassão bem mais expressivas, sobretudo em virtude da objetividade e da cristalização do pensar.

Dessa forma, é notório que escritores e poetas, ao trabalharem com as palavras, lancem mão de elementos e estratégias com a linguagem no momento da estruturação de suas narrativas, pois o que se dispõe na hora da concretização da escrita, momento em que há a tentativa de retomada do passado em direção ao presente, são as lembranças somadas à imaginação.

Portanto, é oportuno utilizar recursos, como figuras de linguagem, inferências, bem como palavras ou expressões em desuso, conforme a conveniência. Essas

estratégias podem acionar os conhecimentos prévios de um possível leitor e alargar seu horizonte de expectativa, afinal, quem escreve vislumbra alguém que oleia. Isso, de certa maneira, é o que norteia a elaboração do pensamento e a edificação da imagem de mundo que o texto germina.

Ponderar as formas como a memória torna-se ficção é refletir, antes de tudo, quais elementos diferenciadores fazem com que um texto seja considerado literário. Costumeiramente, a separação entre um texto científico, que se diz fiel revelador da verdade, e um texto de ficção foi feita utilizando-se de critérios em que o documento do qual se tiraria o fato histórico, com a pretensão de valor de verdade, seria pertencente à História. Em contrapartida, aquela produção textual, fruto da imaginação fantasiosa, seria concebida como Literatura.

Nesse sentido, ficou estabelecido, no imaginário comum, que os termos “documento” e “testemunho” passariam longe da ficção, tanto é que, ainda nos dias atuais, aofalarmos de testemunho, a primeira ideia que se tem é a desua relação com os estudos da história, e quando alcança a literaturaé, praticamente, automática a ligação com as narrativas de sofrimento, a exemplo dos textos contextualizados nos períodos de ditaduras, de guerras ouemdocumentários, tomados como reais, dentre outros.

No entanto, é necessário acolher a noção de que qualquer forma de expressão da escrita, utilizando para tanto as vias do recordar, constitui um documento, um testemunho de seu tempo, ainda que seja um tempo imaginário, com lugares e personagens fictícios e, deste modo, persistindo em funcionar como atalhos para a compreensão do ser como pessoa, de seu tempo e das relações com o mundo do qual faz parte.

Pode-se citar, como um dos elementos balizadores do texto ficcional pelas vias da memória, a subjetividade. Sarlo (2007) salienta que a construção do eu psíquico passa pela relação do eu com o outro, e que no espaço de encontro entre os dois há uma mistura de subjetivo com o objetivo, formando um só. Dessa forma, há uma linha tênue fazendo a fronteira entre o histórico e o ficcional:

> O testemunho [...] é composto daquilo que um sujeito permite ou pode lembrar, daquilo que ele esquece, cala, intencionalmente modifica, inventa, transfere de um tom ou gênero a outro, daquilo que seus instrumentos culturais lhe permitem captar do passado, que suas ideias atuais lhe indicam que deve ser enfatizado em função de uma ação política ou moral no presente, daquilo que ele utiliza como

> dispositivo retórico para argumentar, atacar oudefender-se, daquilo que conhece por experiência e pelos meios de comunicação, e que se confunde, depois de um tempo, com sua experiência (SARLO, 2007, p. 58-59).

Assim sendo, necessário se faz reconhecer a relevância dos escritos memorialistas tanto para a história quanto para a literatura. Porém, é importante levar em consideração os aspectos da subjetividade, como enfatiza Sarlo (2007), uma vez que essa permeia qualquer relato que se faz pelo viés da memória. Dessa maneira, não devem ser considerados como “verdade” e sim como reconstruções de um evento pretérito, ou mesmo uma tentativa, já que não seria possível reconstituir o vivido na íntegra, como já dito anteriormente. Assim sendo, o momento reconstruído está vulnerável a lacunas que vão sendo preenchidas por novas significações, de acordo com o tempo, com o lugar e com quem narra.

Nessa trilha, Antonio Candido (2006) diz que o escritor, ao inserir seu mundo na constituição do texto, é capaz de revelar, através de manifestações particulares, aspectos universais. Segundo ele, uma obra literária, para se realizar, precisa, antes de tudo, basear-se no princípio da verossimilhança. Ou seja, quando leva aos leitores “a impressão da mais lídima verdade existencial”, por meio “de um ser fictício” (CANDIDO, 2006, p. 55). Pois, embora sejam ficcionais, tais manifestações contém elementos da realidade, não sendo a realidade exata.

Seguindo a linha de raciocínio do autor, um escritor desrealiza a realidade para melhor representá-la, uma vez que a literatura não se constitui solta no espaço, não surge do nada, mas a partir do sujeito que narra sua história e/ou narra a história de todos os homens.

Ainda em relação aos aspectos das narrativas de ficção pautadas na memória, vale ressaltar que, nas produções textuais que trazem como marca o resultado da recordação, é percebível a noção de ambiguidade, de ganhos e de perdas, haja vista que não há na percepção humana a possibilidade de alcançar o todo de uma dada cena na memória, e que, no momento da narrativa, inconsciente ou propositalmente, muitas cenas se perdem. Em compensação, muito se ganha, haja vista que o ato de rememorar açambarca todo o aparato de experiência do momento presente e com um enorme leque de possibilidades para novas interpretações.

Além disso, os registros artísticos, na busca de reconstituir o passado através da escrita, possuem diferenciais próprios que se estabilizam de acordo com cada contexto. E, apesar de ser permeado de historicidade, revela, sobretudo, uma carga simbólica muito forte, é nesse direcionamento que se pode afirmar que as relações da memória e da arte carregam particularidades muito singulares, como uma linguagem mais figurada ou um estilo por vezes jocoso, por exemplo.

As narrativas artísticas são montadas de maneira a levar o leitor, pelo menos no momento da leitura, a acreditar naquilo que está lendo, embora se saiba que seus personagens estão dentro de um campo fictício. Os fatos narrados podem até parecer aberração se forem considerados os aspectos da realidade, porém, havendo uma coerência interna, ou seja, elementos que possam justificar aquilo que parece absurdo, a obra é aceita como representativa das experiências vividas pelos seus personagens, uma vez que é considerada verossímil internamente, isto é, possui a aparência de verdade que a ficção consegue provocar no leitor, graças à lógica interna de seu enredo.

Na literatura borgeana, tem-se um processo de ficcionalização da memória pautado nos processos metafóricos, na personificação dos labirintos, nos espelhos, assim como no tom de infinito que dá aos objetos retratados. Aspectos que podem ser vistos, por exemplo, no número infinito de páginas da obra *O Livro de Areia*, ou no número de livros, também incontáveis, da “Biblioteca de Babel”.

As personagens criadas por Borges, mesmo estando no campo ficcional, também fazem reflexão sobre um mundo de seres reais, havendo uma espécie de casamento entre os dois. E, assim, paulatinamente, vão examinando não somente o estatuto ontológico da ficção, mas o da própria condição do ser humano, absorto nesse mundo tão desestabilizado.

Candido (1967) diz que os escritores, ao aproximarem as suas personagens dos homens e das mulheres do mundo real, imprimemum caráter de mistério, mas também de identificação do leitor com a obra, tornando-a, consequentemnte, mais atraente e convicente a quem irá ler.

O discurso literário de Borges, neste aspecto, adquire credibilidade por narrar a realidade de maneira que vai estruturando sua narrativa por meio de uma linguagem que, propositalmente, expressa imprecisão – fazendo com que seus textos proclamem uma relativização dos campos do real e do ficcional. Para tanto,

faz uso de enunciados elaborados pelas vias damemória, que pode ser real ou imaginária.

Portanto, a prática literária de Borges possui um elo com o mundo que é instaurado pelas temáticas da literatura, propondo, assim, um texto que se comunica de variadas maneiras com o tempo, o espaço e a realidade em que vive.

No conto “O outro”, por exemplo, encontramos outra característica que está na essência da escrita de Borges: a profusão de tempos e espaços, fazendo com que seja realizada uma conversa entre uma mesma personagem situada em momentos cronológicos diferentes.

As personagens dessa narrativa são reunidas em um encontro apenas possível no espaço ficcional. E, para estabelecer o caráter de veracidade do encontro, Borges narra experiências que só ele poderia saber:

> Posso te provar que não minto. Vou te dizer coisas que um desconhecido não pode saber. Lá em casa há uma cuia de prata com um pé de serpentes, que nosso bisavô trouxe do Peru. Há também uma bacia de prata que pendia do arção. No armário do teu quarto, há duas filas de livros. Os três volumes das Mil e Uma Noites de Lane, com gravações em aço e notas em corpo menor entre os capítulos, o dicionário latino de Quicherat, a Germania de Tácito em latim e na versão de Gordon, um Dom Quixote da casa Garnier, as Tábuas de Sangue de Rivera Indarte, o Sartor Resartus de Carlyle, uma biografia de Amiel e, escondido atrás dos demais, um livro em brochura sobre os costumes sexuais dos povos balcânicos. Não esqueci tampouco um entardecer em um primeiro andar da Praça Dubourg (2012, p. 8).

Assim, por meio de personagem e história inusitadas, por lugares que existem de fato ou só no imaginário, com enredos, dentre vários elementos, pautadas numa rememoração fragmentada e descontínua, as narrativas de ficção vão se desenhando tanto nos textos quanto na mente do leitor, de modo que fica percebível, nos contos de Borges, a presença do diálogo entre as diversas áreas do saber, nos quais os caminhos da ficção adentramos da realidade.

3.3 O Livro de Areia

Não se constitui novidade o fato de os livros serem, constantemente, presença, conteúdos e personagens na obra de Jorge Luis Borges. Em *Borges Oral* (1960), ele afirma:

> Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação (BORGES, 1960, p. 11).

Para Borges, o livro está além do objeto físico, paupável. Ele é a abertura de um absurdo de possibilidades, afinal cada leitura leva a mundos diferentes, ainda que sejam do mesmo livro. E se pensarmos em um como *O Livro de Areia*, há uma reduplicação de interpretações e significados, uma vez que esse possui um número de páginas tão incontáveis quanto o número de grãos de areia.

Essa ideia de totalidade sintetizada pela escrita de Borges ocorre de diversas formas, e uma das mais recorrentes é imagem do livro que condensa a imagem do todo, embora esse todo se torne, de certa maneira, inapreensível pelo fato de extrapolar os limites da compreensão humana.

Os livros, ainda que de ficção, dizem a história de um povo, de sua cultura, seus desejos e decepções, bem como do legado de conhecimento construído ao longo de suas gerações, sendo também responsável pela transmissão, circulação e manutenção desses saberes.

Para Borges, o livro merece ser cultuado. Esse aspecto pode ser detectado ao longo da trajetória de seu fazer literário, como revela o escrito a seguir:

> Os meus livros (que não sabem que existo)
> São uma parte de mim, como este rosto
> De têmporas e olhos já cinzentos
> Que em vão vou procurando nos espelhos
> E que percorro com a minha mão côncava.
> Não sem alguma lógica amargura
> Entendo que as palavras essenciais,
> As que me exprimem, estarão nessas folhas
> Que não sabem quem sou, não nas que escrevo.
> Mais vale assim. As vozes desses mortos
> Dir-me-ão para sempre (BORGES, 1999, p. 109).

Em *Borges oral e Sete noites* (1987) são apontandas três perspectivas do culto aos livros ao longo dos tempos. A primeira localiza-o na Antiguidade Clássica. Nesse período, segundo o autor, o livro foi sucessor da oralidade, ou seja, substituiu o narrar oralizado praticado pelos grandes mestres da época que, como já mencionamos, transmitiam às novas gerações o legado cultural e histórico da

comunidade. Corroborando a afirmação de Borges, tem-se em Pitágoras, Sócrates, Cristo e Buda exemplos de mestres clássicosque não deixaram nada escrito, tudo que existe a respeito de seus pensamentos são relatos por seus discípulos.

Quando se fala sobre Jesus Cristo, afirma-se que Dele a única passagem sobre escrita de que se tem notícia foram rabiscos feitos na areia apagados pelo vento, portanto ningém soube o que escreveu de fato. Aliás, em torno disso, Borges pontua: “De Cristo, sabemos que escreveu uma única vez algumas palavras que a areia se encarregou de apagar. Que se saiba, nada mais escreveu” (1999, p. 13).

A segunda perspectiva abordada pelo autor é um conceito que diz ter ido buscar no Oriente, segundo ele, bem diferente do conceito apontado na Antiguidade Clássica: a ideia do livro como algo sagrado, citando como exemplos o *Corão,* a *Torá* e a *Bíblia Sagrada* que, de acordo com os registros históricos, foram livros escritos por iluminação divina. E acrescenta: “Em todo o Oriente existe ainda o conceito de que um livro não deve revelar as coisas; um livro deve, simplesmente, ajudar-nos a descobri-las” (BORGES, 1987, p. 13).

E finalmente a última perspectiva sobre o livro, encontrada nas nações ocidentais. Essas escolhem um escritor para representá-las, no entanto, Borges afirma que, se contrapondo a isso, muitas vezes, o autor eleito para representar determinado país não tem, basicamente, nada que o assemelha ao caráter nacional desse país. Nesse sentido, ressalta que Shakespeare, apesar de ser considerado o grande representante literário da Inglaterra, tem grande parte de suas obras ambientadas na Itália.

Retomando a temática desse tópico, bem como o corpus desta pesquisa, apresenta-se aqui, mais reiteradamente, *O Livro de Areia*. Foi publicado pela primeira vez em 1975, quando Borges já estava completamente cego e contava com seus 76 anos de idade.

A obra é composta por treze contos e um breve epílogo em que são explicados os diversos temas pelos quais suas histórias transitam. Com uma diversidade de enredos, Borges vai delineando, com a desenvoltura que lhe é peculiar, temáticas que são obsessivas e recorrentes em todo seu percurso literário.

Uma das características mais evidentes em toda obra é a imprecisão do tempo; nenhum dos contos possui delimitações precisas de início, meio ou fim. É como se fossem recortes do imaginário, postos no papel sem uma ordem linear e de modo aleatório, dando ao texto uma conotação de universalidade e atemporalidade.

O próprio título do livro, que também intitula o último conto da coletânea, justifica a falta de delimitações, pois retrata uma obra que possui um número de páginas tão infinito quanto os grãos de areia.

Há também um constante trabalho de metalinguagem, fazendo parecer que a narrativa está sempre se reportando a ela mesma ou, pelo menos, a outras narrativas. Os contos são nomeados, respectivamente, como “O outro”; “Ulrica”; “O Congresso”; “There are more things”; “A seita dos trinta”; “A noite dos dons”; “O espelho e as máscaras”; “Undr”; “Utopia de um homem que está cansado”; “O suborno”; “Avelino arredondado”; e “O Livro de Areia”.

Em toda a narrativa, Borges mostra a expressividade que é peculiar a seus textos, a versatilidade de sua escrita, bem como o desconcerto que alguns de seus textos provocam no leitor.

O conto que faz a abertura da coletânea é “O Outro”. Nele, o autor discute a questão da duplicidade, narrando um encontro com ele mesmo.

Já em “O Espelho e as Máscaras”, o conto narra a história de um rei e um poeta. Na narrativa, o rei, após a vitória sobre um inimigo, pede ao poeta que escreva uma ode que celebrará seu triunfo e fixará sua glória para sempre. A partir desse ponto, o conto vai mostrando o trabalho com a escrita e permitindo estabelecer reflexões em torno do fazer artístico como texto literário.

“O Suborno” é outro conto que também faz a representação do clima de tensão e ambiguidade em que não se sabe se o sujeito está localizado no campo do real ou dos sonhos. Borges traz para a discussão a figura do professor e dos livros, deixando evidentes suas predileções temáticas. O texto apresenta a história de um conflito entre dois professores de inglês em uma universidade americana. A partir do enredo, o autor faz uma sátira em torno da ética do mundo acadêmico norte-americano, no qual, na fogueira das vaidades, reinam as intrigas em busca do poder. Uma narrativa gradativamente desenhada, muito bem arquitetada por uma pena experiente que garante ao texto o encanto e a exigência de uma segunda leitura.

Destarte, as narrativas da obra vão tomando rumos diversos, num emaranhado perfeito de bem sucedidas histórias que surpreendem e encantam a cada página escrita, transportando o leitor para um mundo guiado pela imaginação.
Nessa perspectiva, a obra *O Livro de Areia* traz a temática dos livros, como o próprio título sugere, porém não o apresenta como objeto comum. Aliás, assim aparecem

todos os objetos na obra de Borges, como exemplo, a metáfora do espelho e da máscara, no conto *O Espelho e as Máscaras*. A importância que o autor argentino consagra a estes objetos leva-o a descrevê-los como um manancial para reflexões e desenvolvimento de conhecimentos.

4 MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM CONTOS DE JORGE LUIS BORGES

É sabido que, pelas veredas da memória, o homem situa-se no mundo, buscando entender não só de si mesmo, mas sobre tudo que o rodeia. As lembranças do que foi, do que é e – por que não dizer – das perspectivas do que será, são os pilares que estão em torno dessa faculdade humana. Através dela, o indivíduo constrói sua identidade, bem como o sentimento de pertencimento a um grupo, uma vez que as memórias individual e coletiva estão em constante entrelaçamento.

Halbwachs (1990) afirma que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, visto que as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A referência que ele faz no tocante à questão da memória individual seria a existência do que denominou “intuição sensível”, como revela no fragmento que segue:

> Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível (HALBWACHS, 1990, p. 41).

Desse modo, o que pode ser considerado individual é apenas a percepção primeira da memória, pois, além dessa, tudo passa a existir a partir do grupo. Embora possa parecer, em vários momentos, que seja uma memória somente da pessoa, ela é construída a partir das referências e das lembranças próprias do convívio grupal.

Ainda de acordo com Halbwachs (1990), as lembranças podem ser reconstruídas a partir da vivência em comunidade, sendo possível (re)criar representações do passado alinhadas na percepção de outras pessoas, no que se imagina ter acontecido ou pela apreensão do contexto. Então, “é uma imagem engajada em outras imagens” (HALBWACHS, 1990, p. 76). Ou ainda,

> [...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distinguam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Partindo da proposição acima, compreende-se que a memória apoia-se na pessoa que recorda, sendo essa membro de um grupo. Assim, suas recordações são, fatalmente, estabilizadas pelas recordações desse grupo. Ou seja, tudo que é lembrado está diretamente relacionado ao outro. A rigor, pelas palavras de Halbwachs, lembrar é um ato coletivo. Porém, é também um ato que traz em si lapsos, falhas, falseamentos e dúvidas, o que resulta na construção de novos significados – e o esquecimento se notabiliza como delineador desses novos sentidos na esfera da memória.

É incomum pensar que esquecer possa formar um par harmônico com lembrar, uma vez que, no dicionário e na vida, aprende-se que esses são vocábulos antagônicos. Contudo, a capacidade de rememorar selecionando lembranças e esquecimento, de tal modo que construa novos significados, é o que forma a memória. Esquecer e lembrar convergem para um duelo apenas aparente, ponderando que as recordações florescem exatamente nas vagas provocadas pelo esquecimento, formando, em verdade, os dois lados de uma mesma moeda, chamada memória.

As recordações das personagens dos contos “O congresso”, “Utopia de um homem que está cansado”, “A noite dos dons” e “O Livro de Areia” expressam um jogo dialético entre memória e esquecimento a partir do pressuposto de que, ao se disporem a narrar suas lembranças, vão arquitetando suas recordações através de elementos que deixam perceptível a relação imbricada de ambos, utilizando os espaços vazios na memória.

Isso ocorre, por exemplo, pelo uso de características próprias dessas narrativas como é o emprego de *flashbacks*, que consiste na interrupção de uma sequência cronológica narrativa pela interpolação de eventos ocorridos anteriormente, ou seja, uma volta no tempo.

Desse modo, visualiza-se um narrador autodiegético, pois faz a narração de suas experiências pessoais, fazendo um retrospecto de sua vida através do uso da memória e enaltecendo, pois, a primeira pessoa do discurso.

4.1 O Congresso: a história de um intento grandioso

"O Congresso" é o terceiro conto da coletânea publicada em *O Livro de Areia*. Construído em primeira pessoa, tem-se um narrador que, melancolicamente, vai expressando sua desilusão com o mundo em que vive e com as experiências vividas neste, e especialmente, com o insucesso de um intento grandioso de que participou como membro ativo em tempos idos: organizar um Congresso do Mundo.

O narrador inicia o conto fazendo uma auto apresentação e assim vão se delineando as marcas e desilusões deixadas pelas suas vivências, como se vê no trecho que segue:

> Meu nome é Alejando Ferri. Há nele ecos marciais, mas nem os metais da glória nem a grande sombra do macedônio – a frase é do autor de Los mármoles, cuja amizade me honrou – se parecem com o modesto homem cinzento que alinhava estas linhas, no andar de cima de um hotel da rua Santiago del Estero, num sul que já não é Sul. A qualquer momento terei completado setenta e tantos anos; continuo dando aulas de inglês para alguns poucos alunos. Por indecisão ou por negligência ou por outras razões, não me casei, e agora estou só [...]. Noto que estou envelhecendo; um sintoma inequívoco é o fato de que não me interessam ou surpreendem as novidades, talvez porque observe que nada de essencialmente novo há nelas e que não passam de tímidas variações (BORGES, 2012, p. 21-22).

Sentido-se velho e desencantado com a vida, momento em que afirma nada mais se revelar como novidade – todas as coisas, na verdade, "não passam de tímidas variações" (p. 22) – Ferri guarda na mémória o que para ele é o mais singular de tudo que acredita ter vivido: a lembrança de sua participação no Congresso do Mundo. É esta recordação que constitui o pivô do enredo deste conto: "organizar um Congresso do Mundo que representaria todos os homens de todas as nações" (BORGES, 2012, p. 26).

Para tanto, a personagem seleciona, embora não expresse claramente esta eleição de fato, entre suas inúmeras lembranças o que deve permanecer na memória, descartando aquilo que deve ser esquecido.

Segundo Halbwachs (1990), a lembrança é reconhecimento, uma vez que traz à mente aquilo que já, em algum momento, foi visto. Porém, é principalmente reconstrução, haja vista nunca ser uma repetição linear de acontecimentos e

vivências do passado, mas um resgate desses acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses do momento presente.

A falta de linearidade e da repetição exata do que aconteceu pode ser comprovada pela imprecisão das palavras de Ferri: “Os congressistas, que seriam quinze ou vinte, rodeavam uma mesa comprida; não sei se havia um estrado ou se minha memória acrescenta” (p. 24).

Percebe-se, pela passagem citada, que a memória do narrador em questão possui, como em toda narração pelo viés da memória, fragmentações, estando, desta forma, vulnerável a adições e subtrações de lembranças. Fato que se explica porque o indivíduo pensa e constrói com imagens e ideias de hoje as experiências do passado.

O conto está estruturado com elementos como a utilização de expressões em primeira pessoa usadas pelo narrador, o uso de verbos que remetem ao passado – “Lembro-me de ter acariciado com reverência os sedosos volumes de certa enciclopédia...” (p. 29) – emprego de expressões que localizam o leitor na época destacada pela narrativa – “naquele tempo não havia um único argentino cuja utopia não fosse a cidade de Paris” (p. 31) – uma época imprecisa do passado.

No esteio de Halbwachs, “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (1990, p. 72). Assim, o elemento externo que desperta o rememorar de Ferri é ouvir a notícia da morte de um dos membros do Congresso.

> Tinha me ouvido falar de Fermim Eguren, disse-me que este falecera em Punda del Este [...] a morte daquele homem, que certamente nunca foi meu amigo, obstinou-se em me entristecer. Sei que estou só; sou na Terra o único guardião daquele acontecimento, o Congresso, cuja memória não poderei compartilhar (BORGES, 2012, p. 22).

A partir desse trecho, percebe-se que há o desencadear dos fatos narrados: o relato se mostra permeado pelos sentimentos do narrador, que vai compondo a narrativa de uma maneira bastante peculiar. É pela notícia ouvida que todos os fragmentos que serão lembrados acordam na memória em forma de *flashes,* o que é levado ao papel, formando, com todas as imprecisões próprias do rememorar, a históriade “O Congresso”.

A expressão “não posso precisar” e o advérbio “talvez” demostram os deslizes, as desconfianças e os esquecimentos inerentes ao ato de lembrar,como mostra a passagem do texto a seguir:

> Não posso precisar a primeira vez que ouvi falar do Congresso. Talvez tenha sido naquela tarde em que o contador pagou meu salário mensal e eu, para celebrar aquela prova de que Buenos Aires me aceitara, propus a Irala que jantássemos juntos (BORGES, 2012, p. 23).

A personagem se dispõe acontar o que traz guardado na memória, que são apenas fragmentos de um tempo vivido, que terão seus pontos unidos para formar uma nova história. Nesse aspecto, é preciso considerar o esquecimento como condição da memória, afinal é porque esquecemos que continuamos a reter informações.

Izquierdo (2010) postula que a rememoração passa, automaticamente, pelo esquecimento. No conto, pode-se perceber que da voz de Ferri emergem experiências de um grupo de pessoas que viveu determinado evento. No entanto, estas lembranças são frutos da seleção de um membro, no caso, o narrador.

Suas memórias, portanto, representam uma súmula das lembranças de todos os outros membros. O próprio narrador, através de inúmeras passagens do texto, vai mostrando falhas inerentes ao ato de rememorar. Por exemplo, ao utilizar expressões do tipo “não me lembro” (p. 24), ou os pronomes demosntrativos que inferem, além da incerteza, a distância temporal do fato ocorrido: “...não posso precisar a primeira vez que ouvir falar do Congresso. Talvez tenha sido naquela tarde...” (p. 23).

Como narrador autodiegético, ele vai conduzindo o relato dando voz as suas memórias que, por tabela, são também dos outros participantes desta organização, cuja pretensão era de representar a humanidade inteira. Descobre, porém, que planejar uma assembleia que representasse todos os homens era como fixar o número exato de “arquétipos platônicos” (p. 28), algo que se mostra inviável, dado a ideia de completude que se estabiliza.

A memória também deve ser assim concebida, sem a ambição de totalidade, caso contrário, torna-se incapaz de reter o que, de fato, possa constituir abstrações. E, assim, pode culminar nafalta de generalizações, condição básica, de acordo com Izquierdo, para pensar e construir memória, resultando, tal como em “O Congresso”,

na dissolução deste. Fato que ocorreu no momento que seu fundador deu-se conta da impossível realização de tão ousada missão, em virtude da grandiosidade do intento:

> Levei quatro anos paracompreender o que lhes digo agora. O empreendimento que realizamos é tão vasto que abarca, agora sei, o mundo inteiro. Não se trata de uns quantos tagarelas que causam confusão nos galpões de uma estância perdida. O Congresso do Mundo começou com o primeiro instante do mundo e prosseguirá quando formos pó. Não existe um lugar em que não esteja. O Congresso é os livros que queimamos (BORGES, 2012, p. 36).

Ricoeur (1990) afirma que a memória é, em última instância, a única guardiã de algo que efetivamente ocorreu no tempo. É só com ela que Ferri, personagem narrador, pode contar, uma vez que muitos dos participantes do Congresso estão mortos e os que continuam vivos prometeram não falar das atividades ali praticadas.

No caso da narração, a empreitada almejada por Ferri, por ser tão grandiosa, nãoconseguiu se edificar, pois se confudiucomo próprio universo e desabou. Assim também a memória que não for seletiva confunde-se com o passado e o presente, trazendo a impossibilidade de um futuro com probabilidades criativas.

A atividade rememorativa neste conto é feita com vistas a entender o passado, aprendendo a lidar melhor com o presente. O que é lembrado, assim como o que é esquecido, são os acontecimentos que de alguma forma marcaram a experiência existencial do personagem Ferri.

A memória vem em *flashes* entre lembranças e esquecimentos, considerando que esta é de natureza fragmentada, como pode ser comprovado pela passagem a seguir:

> De qualquer modo, a tarefa que me impus não é fácil. Nunca empreendi, nem sequer sua modalidade epistolar, o gênero narrativo e, o que é sem dúvida muito mais grave, a história que vou registrar é incrível. [...]. Não vou falsear deliberadamente os fatos, mas pressinto que a negligência e a inabilidade me conduzirão, mais de uma vez ao erro (BORGES, 2012, p. 23).

Pode-se observar que a memória, por ter, dentre outras características, o aspecto da descontinuidade, é suspeita para tentar fazer da narrativa fonte de verdade. Mas também é inegável que é pela força da memória que o Congresso ganha forma e pode ser partilhado graças à narrativa.

Sarlo (2007) lembra que o passado sempre vem à tona, podendo surgir subitamente e a qualquer momento “como a nuvem insidiosa que ronda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar” (p. 9). E assim acontece com Ferri em “O Congresso”, apesar de ter jurado não se lembrar das histórias mirabolantes de uma agremiação, mais mirabolante ainda:

> É verdade que no dia 7 de fevereiro de 1904 juramos pelo mais sagrado não revelar – existirá na Terra algo sagrado ou algo que não seja? – a história do Congresso; não é menos certo, porém, que também faz parte do Congresso o fato de eu ser agora um perjuro. Esta declaração é obscura, mas pode acender a curiosidade de meus eventuais leitores (BORGES, 2012, p. 22).

Porém, ele não tem o controle sobre isso, a memória que sempre está por perto é que o chama, ao ouvir a notícia da morte de um dos congressistas: “A morte daquele homem [...] obstinou-me em me entristecer. Sei que estou só; sou na Terra o único guardião daquele acontecimento, o Congresso, cuja memória não poderei compartilhar” (p. 22). Mais uma vez, Sarlo nos lembra:

> O retorno ao passado nem sempre é um momento libertador de lembrança, mas um advento, uma captura do presente. Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada (2007, p. 9-10).

Os aspectos do esquecimento no conto vão surgindo a partir das lacunas do rememorar, nas dúvidas estabelecidas que se expressam, dentre outros elementos, pelos verbos no futuro do pretérito: “Seriam nove ou dez da noite” (p. 24); pela imprecisão de datas e fatos – “As datas precisas não importam” (p. 23), pois, conforme verifica-se no conto, não é possível, para o narrador, demarcar o primeiro contato com o Congresso, visto que ele não consegue precisar o exato momento em que isto aconteceu. No entanto, é exatamente a partir desses percalços que a memória vai se formando e estabilizando a narrativa.

O requisito primeiro para pensar e fazer generalizações é esquecer fatos para que se possa lembrar outros, a fim de manter o equilíbrio das rememorações, utilizando-se, como diz Izquierdo (2010), do esquecimento para proteger o cérebro da saturação, do desgaste e, principalmente, encontrar no passado vivido explicação e sentidos para o presente.

Isso pode ser observado pelas passagens do conto, quando Ferri afirma lembrar mais de umas personagens que de outras, considerando que todos participavam das reuniões, viveram o momento, mas a impossibilidade do todo o faz selecionar o que lembrar:

> Na outra ponta da mesa havia um menino de dez anos [...]. Havia também um pastor protestante, dois inequívocos judeus e um negro com lenço de seda e roupa muito justa, a maneira dos *compradritos*[12] das esquinas [...]. Não me lembro dos outros, exceto de um senhor Marcelo Del Mazo, homem de suma cortesia e de fino diálogo, que nunca mais voltei a ver (BORGES, 2012, p. 24).

Outro fator característico da memória que é revelado no conto é a forma de *flashes* em que os acontecimentos vão surgindo, por exemplo: “Na frente do negro e do menino havia duas xícaras de chocolate” (BORGES, 2012, p. 24). Ou ainda:

> Alguma coisa do que entrevimos perdura – o paredão avermelhado da Recoleta, o paredão amarelo da prisão, dois homens dançando juntos numa esquina sem chanfradura, um átrio xadrez com uma grade, barreiras do trem, minha casa, um mercado, a noite úmida e insondável –, mas nenhuma dessas coisas fugazes, que talvez tenham sido outras, importa (BORGES, 2012, p. 37).

Pode-se afirmar que durante todo o percurso na narrativa do conto “O Congresso”, o narrador Alejandro Ferri vive uma dialética entre o lembrar e o esquecer.Ora por não conseguir trazer com precisão os fatos experienciados, havendo, assim, a necessidade de selecionar lembranças; ora pela palavra empenhada com os parceiros de outrora.

Para além disso, necessário se faz levar em conta o jeito particular de rememorar de cada pessoa, embora a força e a pertinência da memória encontrem apoio no grupo, nos indivíduos que lembram como membros deste grupo. A respeito disso, Halbwachs salienta:

> [...] Dessa massa de lembranças comuns. E que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada

[12]Termo utilizado na Argentina para designar um tipo popular social suburbano. Apareceu na segunda metade do século XIX, chamado o filho de status social modesto que vivia nas margens da cidade; está associado com o tango porque ele foi um dos protagonistas da criação do gênero. Com o passar dos tempos. Na linguagem corrente o termo passou a ser utilizado para designar o homem provocador, arrogante e briguento.

> memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os outros meios (HALBWACHS,1990, p. 51).

Dessa maneira, entendemos que a memória está estabelecida a partir das experiências de um indivíduo de acordo com suas variadas vivências em determinado grupo, com tempos e lugares diferentes. E o que assinala o ponto de vista e as significações que o narrador disponibiliza de um evento pretérito depende muito daposição que ele ocupa no grupo.

Assim, um mesmo acontecimento possui diversificadas visões, porque, apesar de ser igual, é vivido por pessoas com análise singular. Contudo, este fato não retira o caráter coletivo da memória, pois, ainda na esteira de Halbwachs:

> Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 41).

Partindo do escrito acima, é possível assegurar que o sujeito figura sempre como um instrumento de elaboração, evocação e permanência das memórias do grupo, mesmo quando lembra individualmente.

No conto, este aspecto pode ser notado a partir de um “problema de caráter filosófico” (1990, p. 26) que ocasionou a não concretização do projeto, que foi a impossibilidade de uma identidade individual estável que mantivesse asingularidade de cada indivíduo, independentemente do grupo, como revela o trecho:

> Planejar uma assembleia que representasse todos os homens era como fixar o número exato dos arquétipos platônicos, enigma que ocupou durante séculos a perplexidade dos pensadores. Sugeriu que, sem ir mais longe, dom Alejandro Glencoe podia representar os criadores de gado, mas também os uruguaios e também os grandes precursores e também os homens de barba vermelha e os que estão sentados numa poltrona (BORGES, 2012, p. 26-27).

Ou seja, há uma espécie de identificação de cada indivíduo com todos os outros, com a humanidade inteira, confirmando sua identidade grupal.

Em relação ao esquecimento, o conto carrega um significado particular, uma vez que, embora a personagem não expresse o desejo de lembrar ou esquecer, essas sensações vão se estabilizando na narrativa de forma que a memória vem à tona sem aparentes conflitos.

Desse modo, a inserção do esquecimento no formato da narrativa pode ser ponderada como um correlato que assegura o êxito no rememorar. Mas, de uma maneira muito natural, como acontececomumente, nas narrativas de memória sobressaem apenas os aspectos que foram selecionados pelo narrador.

Outra assertiva em relação à escrita do conto é que embora o narrador não anuncie a vontade de lembrar e fixar através da escrita suas recordações, sentindo-se, por vezes, culpado por quebrar um juramento – “é verdade que no dia 7 de fevereiro de 1904 juramos pelo mais sagrado não revelar [...] faz parte do Congresso que agora eu sou um perjuro” (p. 22) – ele sente a obrigação de contar, pois acredita estar perto de morrer e é, como afirma, “o único guardião daquele acontecimento, o Congresso (p. 22).

Encerra-se a narração com a desestruturação do Congresso, culminada pela desistência, inicialmente de seu fundador, Dom Alejandro. Essa desistência foi seguida por todos os outros membros, ficando a desilusão por não se ter conseguido o propósito almejado.

E a não concretização se dá, exatamente, pelo fato de o intento ser tão grandioso, chegando a extrapolar os limites da sanidade, desmanchando todas as possibilidades de êxito. Dessa forma, após a queima dos inúmeros exemplares da biblioteca, constituída com muito esforço durante o tempo de duração do congresso, seguida de comemoração pelas ruas da cidade realizadas pelos seus participantes, dá-se por acabado *O Congresso do Mundo*.

Esse momento é marcado por um pacto, no qual todos os integrantes do Congresso fizeram o juramento de jamais contar a alguém o que se passara alinaqueles tempos. Momento também de constatação de que este sempre existiu, porém era humanamente irrepresentável, uma vez que sua representação sempre ocorreu, mas por todos os homens, de todos os tempos e lugares, sendo grande demais para apenas um grupo.

4.2 “A noite dos dons”: o que ficou na memória

O sexto conto do livro em estudo, de *O livro de Areia*, intitulado “A noite dos dons”, consiste na retomada de uma temática bastante frequente nas manifestações literárias de modo geral e muito recorrente na literatura borgeana, bem como nas quatro narrativas analisadas nessa pesquisa: a questão da memória em correlação com o esquecimento, satirizando a pretensão de memória plena do ser humano.

O narrador inicia a história situando-a no tempo e no espaço. “Na antiga Confitería Del Águila, na Florida à altura da Piedad, ouvimos a história” (BORGES, 2012, p. 51). Em seguida informa, a partir das palavras do próprio conto, que, de certa forma, tudo já existe em nossa memória e que apenas evocamos quando precisamos delas, o que muitas vezes acontece por um exercício involuntário, quando afirma: “Alguém invocou a tese platônica de que já vimos tudo num mundo anterior, de modo que conhecer é reconhecer” (p. 51).

A narrativa expressa o momento na vida de um quase adolescente que é levado a um determinado espaço, onde supostamente irá iniciar a vida amorosa. A memória é o fio que traz à tona eventos ocorridos numa certa noite que marcou o citado menino.

Necessário se faz entender que todo o evocar de lembranças é feito de acordo com as crenças e o momento de cada indivíduo que recorda. Assim podemos afirmar que os motivos que levam uma pessoa a querer recuperar o passado são, de certa maneira, particulares a cada ser humano. Entretanto, a pessoa que lembra está inserida em um grupo, e assim suas memórias são consonantes com a coletividade a qual pertence, ou seja, o “reconhecer” de que fala o conto é baseado na seleção das memórias de alguém, mas há muitos reflexos das vivências do grupo.

A obra de Borges possui algumas características singulares. No conto “A noite dos dons”, essa tônica não se apresenta de modo diferente, por exemplo, a forma como retrata a passagem entre um mundo real e o imaginário, pois em determinado ponto da narrativa há um entrelaçar entre sonho e realidade. No momento em que Cativa – mulher responsável pela suposta iniciação amorosa do menino que ali fora levado – é chamada para contar a história de um ataque de índios ao povo de onde ela diz ser, acontece o ataque de um valentão da região chamado Juan Moreira; em meio à confusão não se sabe o que é de fato real ou

imaginário, além disso, essa é a oportunidade para a subida do narrador ao quarto de Cativa: “Ganhei sem ruído uma das portas, [...] Em cima me escondi num quarto escuro” (p. 54).

Outro ponto marcante na narrativa é o tempo, a duração deste é apenas de uma noite. É durante esse intervalo que ocorrem todos os fatos possíveis de emergir através dos lapsos e seleção de memória donarrador e protagonista, assim como, segundo ele, ali conheceu o amor e encarou a morte.

> Ao cabo de poucas horas eu havia conhecido o amor e encarado a morte. Todas as coisas são reveladas a todos os homens ou, pelo menos, tudo aquilo que a um homem é dado conhecer, mas a mim, da noite à manhã, me foram reveladas essas duas coisas essenciais (BORGES, 2012, p. 56).

Há no fragmento acima uma plausível resposta para um questionamento que o narrador se faz no início do conto, quando revela:

> Não consigo entender essa questão dos arquétipos platônicos. Ninguém recorda a primeira vez que viu o amarelo ou o preto ou a primeira vez que tomou gosto por uma fruta, talvez porque fosse muito pequeno e não pudesse saber que inaugurava uma série muita longa. Evidentemente, há outras primeiras vezes que ninguém esquece. Eu podia lhes contar o que me ocorrera certa noite que costumo trazer na memória, a de 30 de abril de 1874 (BORGES, 2012, p. 51).

A facilidade de selecionar alguns fatos e guardá-los na memória passa também pela vontade, pelo que marcou, assim fica explicado porque ele não conseguiu apagar da memória fragmentos dessa noite de um abril tão distante. Explica-se também, a partir da afirmação, que a totalidade da memória não é outorgada a nenhum homem, o que se possui são apenas recortes de experiências vividas. O próprio narrador tem essa consciência quando afirma que ao indivíduo é “dado conhecer” apenas uma parte.

Na narrativa em ênfase, segundo a memória do narrador, naquela noite, quando ele ainda não completara treze anos de idade, foi levado por Rufino, um dos peões da fazenda do avô na qual passava férias, a uma casa noturna com o propósito explícito de se divertirem. Implicitamente, fica entendido que Rufino o levara para iniciá-lo na vida amorosa, o que de fato acontece. A passagem do texto contempla essa afirmativa: “Já tinha tirado a bata. Estendi-me ao lado dela e

procurei seu rosto com as mãos. [...] Desfiz suas tranças e brinquei com o cabelo, que era muito liso, e depois com ela" (BORGES, 2012, p. 54).

Para o narrador, todas as histórias daquela noite são menores em relação à de Cativa, ou seja, o esquecimento de fatos, para a memória dele, menos relevantes é o que dá o equilíbrio a narrativa, fazendo com que seja possível visualizar uma história central dentro de outras histórias. Assim, em determinado ponto revela: "Aqui começa de verdade a história" (p. 54). Em relação às memórias que fixam, como as que o narrador se refere na citação, Izquierdo (2010) revela que a formação de memórias é favorecida pelo alerta emocional e cita exemplos como:

> Todos recordamos onde estávamos na hora que morreu Ayrton Senna, ou quando o segundo avião bateu na segunda torre de Manhattan no famoso 11 de setembro. Ninguém se lembra do rosto da pessoa que nos vendeu os ingressos na última vez que fomos ao cinema, embora o filme tenha sido magnífico (IZQUIERDO 2010, p. 41).

No que concerne à confiabilidade da memória, durante a narrativa surgem momentos em que o narrador se explica pela imprecisão do relato, como, por exemplo, no trecho: "Os anos passam e tantas vezes contei a história, que já não sei se a recordo de fato ou se só recordo as palavras com que a conto" (p. 56). Izquierdo (2010) revela que apenas por meio do esquecimento de particularidades se torna possível nomear e, por extensão, pensar. Considerando que esse esquecimento se traduz em seleção de uns fatos em detrimentos de outros, e que assim a pessoa se imagina detentora de uma verdade, pode-se deduzir que o narrador escreve um evento "verdadeiro" – ele é, pois, dono de sua "verdade" rememorada.

Outrossim, é possível entender que o texto em questão vai demonstrando comomemória e esquecimento podem ser observados na forma de instrumento literário de força e significação variadas. Transitando entre o real e o imaginário,os personagens de Borges vão perfazendo um caminho nessas duas faculdades humanas, instalando uma ideia de parceria em que uma é imprescindível para a outra.

4.3 “Utopia de uma homem que está cansado”: uma visita ao futuro

No conto “Utopia de um homem que está cansado”, nono da sucessão de treze que compõem a obra no qual está inserido, o narrador desenha, pela palavra escrita, o inusitado encontro de um “professor de letras inglesas e norte-americanas e escritor de contos fantásticos.” (BORGES, 2012, p. 71) a quem, pelo subentendido, já o esperava “um homem vestido de cinza” (BORGES, 2012, p. 69) que era pintor, com uma idade avançada, e dizia ter lido muito pouco – “Ninguém consegue ler dois mil livros. Nos quatro séculos que vivo não terei passado de meia dúzia” (BORGES, 2012, p. 71).

Sentindo-se cansado da vida, o narrador decide determinar a própria morte, como mostra a passagem a seguir:

> Completados cem anos, o indivíduo pode prescindir do amor e da amizade. Os males e a morte involuntária não o ameaçam. Exerce alguma das artes, a filosofia, a matemática ou joga um xadrez solitário Quando quer, se mata. Dono de sua vida, o homem também o é de sua morte (BORGES, 2012, p. 73).

O texto é narrado em primeira pessoa, explicitando as memórias pessoais do narrador sobre um acontecimento. Porém, esse eu é parte de um coletivo, portanto, implicitamente, traduz a ideia das vivências de um grupo, que por sua vez representa a humanidade inteira.

Dentre as variadas reflexões que podem ser suscitadas pela leitura desse conto, ater-nos-emos à que Borges organiza, assim como foi feito nos demais contos analisados nesta pesquisa, em torno da noção de memória pelas vias do esquecimento, buscando entender a ponderação entre as ações de lembrar e esquecer para edificar as lembranças.

Os dois protagonistas do citado encontro vivem num futuro com crenças e ações muito diferentes daquelas que as pessoas de então imaginam, fato aceitável se considerarmos que há diferença não apenas de anos, mas de séculos entre a idade dos dois – haja vista que enquanto um diz “Já completei setenta anos” (p. 72) o outro afirma nos “quatro séculos que vivo” (p. 73). No entanto, levando em conta as previsões de futuro que o anfitrião revela, o nível dessas diferenças chega a assombrar.

Dentre as profetizações do que está por vir, encontra-se, por exemplo, o fim da imprensa, visto que esta, segundo ele, “tendeu a multiplicar até a vertigem textos desnecessários” (p. 72).

A narrativa inicia com uma epígrafe de Quevedo, que afirma: “Chamou-a de Utopia, vocábulo grego cujo significado é ‘não há tal lugar’” (BORGES 2012, p. 74). Em sentido comum, o termo utopia é usado para denominar construções imaginárias de sociedades perfeitas, ou um plano que parece irrealizável, uma fantasia, um sonho.

Há também uma referência à utopia de Thomas Morus[13]. Essa noção utópica permeia, de certa forma, toda a narrativa, visto que, no percurso traçado, Borges vai discutindo a “utopia desse homem que já está cansado”. O verbo ser no presente do indicativo denota que em algum momento da vida ele ficou cansado, uma vez que não “é” cansado, “está” cansado.

A princípio, numa leitura menos atenta, pode parecer que o narrador traça uma escrita completamente sem sentido, haja vistaque no espaço futuro em que ocorre o encontro dos dois homens, por exemplo, há um tempo sem memória, por assim dizer, sem propriedades, sem indústria, sem imprensa, sem família, havendo uma forma de esquecimento coletivo; ainda assim, a ausência de tudo isso não significa perdas ou sofrimento: aceita-se como algo natural, o que resulta em comportamentos e ações muito destoantes, como no trecho que segue:

> Depois de caminharmos quinze minutos, dobramos à esquerda. No fundo divisei uma espécie de torre, coroada por uma cúpula. – É o crematório – disse alguém. – Dentro está a câmara letal. Dizem que foi inventada por um filantropo, cujo nome, creio, era Adolf Hitler (BORGES, 2012, p. 75).

Passagens como essa, apresentam-se completamente desconexas se não atentarmos para um recurso que Borges se utiliza com freqüência em seus escritos: a ironia. É através dela que se pode perceber a falta de equilíbrio na construção da memória, pois o esquecimento em demasia, nesse caso, chega a afirmar que Hitler,

[13] Utopia foi um país imaginário, criação de Thomas Morus, escritor inglês (1480-1535), onde um governo, organizado da melhor maneira, proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz. Para Thomas More, utopia era uma sociedade organizada de forma racional, as casas e bens seriam de todas as pessoas, que passariam seu tempo livres envolvidos.

ditador que reconhecidamente fez muito mal a uma parcela da humanidade, é um filantropo.

Uma memória saudável é, antes de tudo, o equilíbrio entre lembrar e esquecer. Quando um se sobrepõe ao outro, não havendo um meio termo, incorre-se no erro de apagar fatos que seria inadmissível esquecer – ou se lembrar de outros que são desnecessários. Na narrativa em questão, durante todo o percurso, as personagens vão trazendo ora os abusos de memórias, ora a redundância de esquecimentos. Dessa maneira, Borges ironiza o desejo, que grande parte da humanidade ainda possui, é o de arquivar todos os saberes do mundo ou de realização de um trabalho muito bem sucedido em torno do esquecimento. Esse fatovem comprovar a necessidade de um equilíbrio a qualquer ato de rememoração.

O esquecimento, segundo Nietzsche (2011), é uma maneira eficaz de felicidade. Para ele, é preciso saber esquecer para superar o excesso de memória que aprisiona e elimina a criatividade. Esquecer, assim, será uma força criadora, libertadora da vida. Porém, esse esquecer precisa vir na medida certa com as recordações. No entanto,não é dessa maneira que procedem as personagens do conto.

O excesso de memória, em “Utopia de um homem que está cansado”, vem representado, entre outras passagens do texto, no acúmulo de livros, pois enquanto Eudoro Acevedo, personagem-narrador que transmigra para um tempo futuro, afirma: “É um livro impresso. Lá em casa deve haver mais de dois mil, embora não tão antigos nem tão preciosos” (p. 71), seu interlocutor, homem sem nome, uma vez que o tempo emque vive não há mais necessidade de nomeação, nem “cronologia nem história”, responde: “Ninguém consegue ler dois mil livros. Nos quatro séculos que vivo não terei passado de meia dúzia” (p. 71).

A memória possui a plasticidade como uma de suas características, ou seja, a capacidade de remodelar as histórias do passado, esquecendo o que tem de ser esquecido a cada instante para que não sejam guardadas informações desnecessárias. A escrita de Borges condiz com essa característica, pois apesar de manifestar preferência pela ideia de infinito, observado em diversos contos, ele demonstra que, exatamente por vislumbrar a plenitude, suas personagens e objetos caem no vazio, na falta de abstração, sem construir memória.

Na história em foco, é possível perceber a falta de abstração em torno da memória a partir dos excessos, seja de informação, seja deapagamentos desta. Ao

narrador, que ainda vive um tempo presente, é permitida a ilusão de que tudo lembrar é saber muito, no entanto, para seu interlocutor que vive quatro séculos à frente, isso já é algo superado. Assim, o homem do futuro expressa como era procedimento de seu tempo passado, pelas palavras do próprio conto:

> Em meu curioso ontem (...) prevalecia a superstição que entre cada tarde e cada manhã acontecem fatos que é uma vergonha ignorar. O planeta estava povoado de espectros coletivos, o Canadá, o Brasil, o Congo Suíço e o Mercado Comum. Quase ninguém sabia a história anterior desses entes platônicos, mas sim os mais ínfimos pormenores do último congresso de pedagogos, a iminente ruptura de relações e as mensagens que os presidentes mandavam, elaboradas pelo secretário do secretário com a prudente imprecisão de que era própria do gênero (BORGES, 2012, p. 73).

Pela citação acima é possível perceber que o habitante do futuro já possui a certeza de que toda memória é seleção de experiências vividas, que estas para serem rememoradas passam pelo crivo do esquecimento, ou seja, se não houver equilíbrio nas duas ações que trabalham para a construção das recordações, não haverá memória.

A história se encerra com o retorno de Eudoro Acevedo, o narrador da história, ao tempo presente, trazendo consigo um quadro, único objeto que ficou fora da destruição, sendo este a única prova do encontro entre os dois homens. Com o diferencial de estar em branco, ou seja, o quadro ainda vai ser pintado, como fica claro no trecho: “No escritório da rua México guardo a tela que alguém pintará, daqui a milhares de anos, com matérias hoje dispersos no planeta.” (p. 75). Mais que um quadro em branco, a tela representa a confluência entre os dois mundos retratados na narrativa. Com a afirmativa deque é preciso, sobretudo, nem lembrar nem esquecer em demasia: utilizar de um meio-termo entre os dois lados constitui o segredo para edificação de uma memória de fato.

4.4 “O Livro de Areia”: O princípio do fim

O conto que encerra a série de treze contos da coletânea aqui citada também carrega o mesmo título da obra: “O Livro de Areia”. A narrativa é feita em primeira pessoa e o narrador personagem afirma, logo de início, que seu relato é verídico. “Afirmar que é verídica é agora uma convenção de toda narrativa fantástica; a

minha, no entanto, é verídica” (p. 95). Em relação ao espaço, todas as ações transcorrem na casa da personagem, porém não há nenhuma descrição da morada. Sabe-se apenas que mora “sozinho, num quarto andar da rua Belgrado”.

A obra de Borges aparenta sempre ser uma retomada de outras obras, assim como também algumas temáticas que possuem lugar cativo em seus escritos. O universo dos livros e das bibliotecas também faz parte do rol de assunto que o autor elege como preferência, como já dito aqui. Por exemplo, o conto “Biblioteca de Babel”, publicado em 1941, a obra *O jardim das veredas que se bifurcam*, e posteriormente reeditado em *Ficções* (1941), é retomado em 1975 no conto “O Livro de Areia”*,* na obra de mesmo nome.

“A Biblioteca de Babel” traz como discussão a ideia de infinito através da representação de uma biblioteca que concentra todos os livros de todos os tempos. Sendo eles dos mais diversos assuntos, nas mais variadas línguas, por vezes até ilegíveis.

A obra “O Livro de Areia” não se afasta dessa noção de infinito, suas páginas são tão incontáveis como os grãos de areia. Assim como as bibliotecas que contêm todos os livros, este livro também contém em si todos os demais livros existentes e os que estão por ser escritos, não tendo princípio nem fim. Como expressa o trecho a seguir:

> O número de páginas deste livro é exatamente infinito. Nenhuma é a primeira, nenhuma, a última. Não sei por que são enumeradas desse modo arbitrário. Talvez para dar a entender que os termos de uma série infinita admitem qualquer número (BORGES, 2012, p. 97).

A história apresentada é de um homem que certo dia recebe a visita de um vendedor de Bíblias, ocasião em que este demonstra desinteresse em comprar o que lhe éoferecido, no entanto é informado, imediatamente, que há outro tipo de livro. O vendedor passa, então, a explicar especificamente sobre um livro que está à venda: O Livro de Areia. “Disse-me que seu livro se chamava O livro de areia, porque nem o livro nem a areia têm princípio nem fim” (p. 97).

Ao folhear o livro, o narrador personagem constata que suas páginas são infinitas e que a sequência delas não se apresenta em concordância com a ordem numeral. Como o narrador é um intelectual das letras, possuir um livro tão valioso seria motivo de orgulho e vaidade, e inicialmente foi. Porém, com pouco tempo de manuseio, a situação se configuradiferente do almejado.

Desta feita, o narrador que já era, por natureza, um homem um tanto antissocial, aguçou mais seu isolamento. Passou a viver para explorar o inusitado livro. E, com o passar dos dias, o que de início se traduziu em um presente, tornou-se um verdadeiro pesadelo.

Assim, após noites de insônia – uma vez que mesmo quando consegue dormir nos sonhos o tal livro lá está – o narrador, na tentativa de entender o objeto que tem nas mãos, chega à conclusão que este era “monstruoso” (p. 97). E, então, declara: “Senti que era um objeto de pesadelo, uma coisa obscena que infamava e corrompia a realidade” (p. 97).

A pretensão de abarcar em um único livro todos os outros é o que leva a corrupção da realidade, pois é impossível representar a totalidade em qualquer que seja a forma de representação. A seleção é necessária; sem ela, perde-se a noção de coesão que possibilita o entendimento do que é representado numa obra de arte, obtendo, assim, somente uma reprodução geral da realidade, que está bem distante do que se pode chamar interpretação desta.

A memória humana também funciona assim, há sempre a necessidade de selecionar e esta seleção é possível via esquecimento. Izquierdo (2010) lembra que o cérebro humano precisa processar e armazenar informações de forma seletiva, ou seja, precisa esquecer algumas lembranças, talvez a maior parte delas, para que possam emergir lembranças novas.

Nossa memória incorre no mesmo erro de *O Livro de Areia*, caso não prime pelo esquecimento; afinal a lembrança e o esquecimento concorrem para ministrar novo rumo à experiência humana. O ato de esquecer, de imediato, contém uma alusão negativa – porque, historicamente, possui relação com distúrbios da memória, a exemplo da amnésia. Mas tal ato constitui, na verdade, um mecanismo de defesa e mola propulsora para a criação.

Poderíamos dizer que, tendo em vista a quantidade de informação que recebemos diariamente, teríamos uma capacidade de memorização bem maior, porém é exatamente por parecer que a memória é infinita, como as páginas do livro em questão, que há a impossibilidade deste fato, pois tudo que pretende constituir uma totalidade tropeça na falta de generalizações, deixando de lado a unidade e passando a ser apenas a junção de vários elementos, sem uma direção de sentido.

O exercício do esquecimento – nas palavras de Izquierdo (2010), “a arte do esquecimento” – constitui um mecanismo de muita importância, principalmente nos

dias atuais, para a construção da memória, pois é a partir dele que a memória que se abre a inúmeras possibilidades de novas histórias.

Joel Candau (2011) afirma que o esquecimento não pode ser analisado sempre como uma ação danosa para a pessoa, ele deve ser visto também como elemento favorável que, além de auxiliar no momento de refrear experiências desagradáveis, é também elemento que favorece a criação:

> [...] Sem o esquecimento, nossas lembranças não teriam nenhum alívio. A memória esquecida, por consequência, não é somente um canteiro de ruínas, pois ela pode ser um canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso da restituição do passado. Ele pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios (CANDAL, 2011, p. 127).

Nesta trilha, faz-se necessário compreender o esquecimento não apenas como algo maléfico ou como perda irreparável, que nos afasta de todas as experiências adquiridas ao longo da vida. Acima de tudo, esquecer é desopilar a mente para que possa receber novas histórias, com o propósito maior de ressignificar a vida humana.

Na narrativa do conto, os aspectos do esquecimento podem ser percebidos se compararmos o livro à nossa memória. Levando em consideração que *O Livro deAreia* não tem princípio nem fim, assim também é a memória humana quando não possui a capacidade de esquecer, tal como em“Funes, o memorioso”.

Fazer recorte e selecionar, o que nesta pesquisa é traduzido em esquecer, são ações primordiais em qualquer criação humana; caso contrário, cai-se no absurdo de almejar a totalidade e isso leva, automaticamente, à falta de sentido, ao caos do mundo.

Assim, é na incompletude que encontramos lugar para o novo; é no esquecimento que encontramos espaço para a ressignificação das lembranças, pois ao rememorar, constituímos uma nova história e isso só é possível porque esquecemos partes, dando espaço para que outras sobressaiam, como já mencionado. Então, o que é narrado pela memória é sempre uma criação única, recheada de constantes mudanças.

O Livro de Areia também é assim: sempre outro, muda a cada vez que é manuseado, trazendo variadas e novas interpretações. Se assim não proceder quem

tiver contato com o estranho livro, recortando, escolhendo entre as inúmeras possibilidades que a vida oferece, correrá o risco de, como o narrador, tornar-se um ser incapaz de algum rumo. Pela própria narrativa é possível observar como passou a viver e agir o narrador, após adquirir o livro estranho:

> Deitei-me e não dormi. Às três ou quatro da manhã acendi a luz. Fui buscar o livro impossível e virei as folhas. Numa delas vi gravada uma máscara. O canto tinha um algarismo, já não sei qual, elevado à nona potência. Não mostrei a ninguém meu tesouro. À felicidade de possuí-lo veio somar-se o temor de que o roubassem, e depois o receio de que não fosse verdadeiramente infinito. Essas duas inquietações agravaram minha já velha misantropia. Restavam-me uns amigos; deixei de vê-los. Prisioneiro do livro, quase não saía à rua. De noite, nos escassos intervalos que a insônia me concedia, sonhava com o livro. O verão declinava, e compreendi que o livro era monstruoso. Senti que ele era um objeto de pesadelo, uma coisa obscena que infamava e corrompia a realidade. Antes de me aposentar, trabalhei na Biblioteca Nacional, que guarda novecentos mil livros; sei que à direita do vestíbulo uma escada curva se afunda no porão, onde estão os periódicos e os mapas. Aproveitei o descuido dos empregados para perder O livro de areia numa das úmidas prateleiras. Procurei não me fixar a que altura nem a que distância da porta. Sinto um pouco de alívio, mas não quero nem passar pela rua México (BORGES, 2012, p. 98-99).

O narrador-personagemse sentiu angustiado, não conseguindo ficar com *o Livro de Areia,* nem mesmo por perto, não apenas por ser um livro que era o grandioso, infinito, mas também pelo fatode ele não constituir unidade de sentido, sendo, portanto, impossível de ser de fato lido, chegando a amedrontar. Isso sem fazer a seleção do que estaria escrito.

Desse modo, *O Livro de Areia* não constitui uma representação de todos os livros existentes, ele é todos os livros, ou seja, ele não é uma representação do mundo, mas significa o próprio mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A empreitada de realizar leitura e análise da representação da memória e do esquecimento em contos de “O Livro de Areia”, de Jorge Luis Borges, operou-se de modo desafiador. Primeiro porque se trata de enveredar por reflexões não muito comuns no âmbito dos estudos literários. Depois, pelo fato de se buscar uma análise de um pequeno recorte da obracujo autor já émuito estudado no universo acadêmico.

Nos quatro contos analisados, ficou claro que Borges estabelece uma espécie de sátira à presunção do ser humano de querer abarcar a totalidade, ou de lembrar, como acontece em “O Congresso” e “O Livro de Areia”, ou do esquecer, como em “Utopia de um Homem que está Cansado” – o que leva a afirmação de que é necessário o equilíbrio entre lembranças e esquecimento, pois a plena realização de um levaria ao aniquilamento do outro.

As personagens que estruturam, pelas suas vozes, as narrativas primam pela escolha das palavras, de maneira a envolver o leitor em mundos nos quais se entrecruzam tempos passados e presentes, em que a lembrança se consolida a partir da ação de unir pontos esquecidos de uma história. Sendo assim, o esquecimento surge como fator de importância basilar na construção de narrativas pelas vias da recordação.

Através da sombra da dúvida, das interrogações e fragmentação, próprias das narrativas memorialistas, as discussões vão ganhando contornos bastante peculiares. Nesse sentido, provocam inúmeras reflexões sobre como pensar, de forma significativa, os aspectos da memória que nos chegam a cada minuto em um mundo superlotado de informações, que carecem ser filtradas, a fim de ser entendidas.

O encaminhamento do recordar na direção de uma análise pela via da seleção, considerando o ato de esquecer como condição para a existência de uma memória em equilíbrio, veio reafirmar as infinitas possibilidades de discussão que possui uma obra literária. A escrita aqui apresentada enveredou por caminhos que conduzem o leitor a histórias que se confundem entre o real e imaginário, possuindo linhas de separação muito tênues.

Os quatro contos analisados revelam elementos que revelam a oportunidade de rever a memória em parceria com o esquecimento. Com a proposta não de

mudar o foco das discussões, mas de adicionar novas reflexões ao legado existente, propondo-se a contribuir com o debate, ao lidar com as fronteiras que permeiam as representações da ficção literária.

Jorge Luis Borges utiliza inúmeras estratégias que tornam a estrutura das narrativas analisadas um texto propício à investigação a que se propôs esta pesquisa. Pois, dentre os muitos fatores que caracterizam a escrita em questão, pode-se destacar a existência de elementos que comprovam ser o esquecimento parte essencial da memória.

Apesar de a maioria da produção dessa natureza trazer uma espécie de apologia ao lembrar, nos contos estudados o plano do esquecimento apresenta-se como uma advertência aos excessos de memória, presentes na vida moderna. Vale ressaltar que o esquecimento aqui é seletivo, entendido como algo diferente daquele esquecimento involuntário, patológico, causado por algum transtorno ou traumaneurológico e/ou psiquiátrico (como as amnésias, as demências, as psicopatologias, dentre outros).

Dessa forma, foi possível constatar que os contos eleitos para esta discussão enquadraram-se na perspectiva dialética do esquecimento, e que esquecer configura-se como de essencial importância para a harmonia dos conflitos existenciais do ser humano através das representações de suas personagens, num filtro que seleciona as lembranças. Fato que nos causou, em primeira instância, estranhamento, uma vez que a temática é menos abordada por este ângulo.

Talvez porque vivemos em um mundo tão acelerado e rico em informações, que há a necessidade de edificar o tempo vivido com a mesma velocidade, daí pode nascer uma sede de memória, tão em voga atualmente. Porém, é válido lembrar que, exatamente por isso, a necessidade do esquecimento é evidenciada, pois é por meio dele que há a seleção do que será lembrado, confirmando, assim, que a dialética entre memória e esquecimento existe de maneira tão ligada que por vezes nos desapercebemos disso.

As representações da memória na escrita literária estiveram durante muito tempo associadas àcultura do lembrar. Atualmente, não se pode, ainda, afirmar que este quadro mudou completamente, apenas vislumbrar a possibilidade de um equilíbrio entre as categorias “lembrar” e “esquecer”. Fato que se pode observar por alguns escritos que consagram as virtudes do esquecer como base de seus escritos. Como fez Borges, de modo muito explícito no conto “Funes, o memorioso” ou de

maneira mais tácita em inúmeras outras de suas narrativas, como, por exemplo, “O congresso”, “Utopia de homem que está cansado”, “A noite dos dons” e “O livro de areia”, estudados nesta pesquisa.

Dessa maneira, pode-se afirmar que se os discursos, pelas vias da memória, falam por meio das lembranças, eles também falam pelos esquecimentos, pelas falhas existentes, deixadas por aquilo que foi esquecido. Nesse aspecto, é possível perceber a importância de rever as fomas de vislumbrar o passado, pois é a partir de sua ressignificação que se estabelecem elos com o presente e se podem fazer projeções para o futuro.

A literatura, muito embora esteja no campo da ficção, pode contribuir ao possibilitar o direcionamento de sentidos para as recordações, sejam elas agradáveis ou não, pois representa uma janela aberta para muitas reflexões, inclusive a que nos propomos fazer.

Outrossim, não se buscou por esta pesquisa nenhuma fórmula que possa se arvorar como verdadeira para a ação de atualizar, pela memória, experiências vividas. Nem tampouco se fez defesa de uma ou outra dessas faculdades humanas. O que se buscou foi o equilibrio entre o que é lembrado e o que esquecido, ação que, em dias atuais, talvez mais que em outros tempos, urge como incomensuravelmente necessária.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BORGES, Jorge Luis. **Outras inquisiciones**. Buenos Aires: Emecé, 1960.

_____. **Cinco visões pessoais.** 2. ed. Tradução de Maria Rosinda R. da Silva. Brasília: Ed. da UnB, 1987.

_____. **O livro de areia**. Tradução Davi Arrigucci Jr. São Paulo: MEDIAfashion, 2012.

_____. **Obras Completas I**. São Paulo: Globo, 1998.

_____. **Obras Completas II**. São Paulo: Globo, 1999a.

_____. **Obras Completas III**. São Paulo: Globo, 1999b.

_____. **Obras Completas IV**. São Paulo: Globo, 2001.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CANDIDO, Antonio**. Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro. Ouro Sobre Azul, 2006.

CLARICE, Lispector. **Um Sopro de Vida.** São Paulo: Rocco, 1978.

D'ÁVILA, Roberto **A última entrevista de Jorge Luis Borges**. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/a-ultima-entrevista-de-jorge-luis-borges>. Acesso em: 11 de maio de 2015.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. IV-V, pp. 17-610). Rio de Janeiro: Imago, 1986a.

_____. **Além do principio do Prazer.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago,1986b.

_____. **Lembranças Encobridoras.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago, 1986c.

_____. **Uma nota sobre o Bloco Mágico.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1986d.

_____. (1987) **Sobre mecanismo psíquico do esquecimento** (Primeiras Publicações Psicanalistas). In Edição standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (trabalho original publicado em 1898).

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** Tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

GÓMEZ, G. R.. O direito ao esquecimento na internet. **El Pais**. Trad. Luiz Roberto Mendes Gonçalves. Disponível em:<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/o-direito-ao-esquecimento-nainternet>.Acesso em: 06 ago 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IZQUIERDO, Ivan. **A arte de esquecer**: cérebro e memória. 2. ed. Rio de Janeiro: Vieira &Lent, 2010.

LALIEU, Olivier. L'inventiondu "devoir de mémoire". In: **Vingtième Siècle**. Revue d'histoire, n. 69, p. 83-94, janvier-mars, 2001.

_____. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LOPES, Nei. **Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro. Edição, 2004.

MEINERZ, Andreia. Viés e revés da memória: reflexões a partir de "Funes - o memorioso" de Borges e a doença do esquecimento em "Cem Anos De Solidão" Gabriel García Marquez**. Cadernos Walter Benjamin.** UECE, Fortaleza, Vol. 15, jul/dez. 2015. Disponível em: <http://www.gewebe.com.br/pdf/cad05/texto_04.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2015.

MONEGAL, Emir Rodríguez. **Borges**: uma poética da leitura. Perspectiva: São Paulo, 1980.

MORE, Thomas. **A Utopia**. Porto Alegre: LP&M, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Genealogia da moral**. Tradução de Joaquim José de Faria. São Paulo: Centauro, 2011.

_____. **Segunda consideração intempestiva:** da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PINTO, Julio Pimentel. **Uma memória do mundo:** ficção, memória e história em Jorge Luis Borges. São Paulo: Estação Liberdade, FAPESP, 1998.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

RICOEUR, Paul. **História e verdade**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Ana Cristina. **Jorge Luis Borges*, P. a escrita como exercício da memória.*** 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/ANAIS/ii/completos/mesas/8/anacristinadossantos.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2015.

SARLO, Beatriz. **Tempo presente**: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

_____. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa Freire d'Águiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. **Jorge Luis Borges, um escritor na periferia**. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SILVA, Nelson José Batista da. **Memória, Esquecimento e Criação em Nietzsche.** 2012. 90p. Dissertação (Memória social). UNIRIO, Rio de Janeiro, 2012.

SOUSA, Eneida Maria de. **O século de Borges**. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

SOUZA, Bernardo de Azevedo e. **O direito ao esquecimento na sociedade da informação**: o caso Aída Curi. Disponível em; <http://canalcienciascriminais.com.br/artigo/o-direito-ao-esquecimento-na-sociedade-da-informacao-o-caso-aida-curi/>. Acesso em: 08 jul. 2015.

TODOROV, Tzvetan. A memória do mal. **Correio da Unesco**. Brasil, nº 2, p. 18-19, fev. 2000(b)

_____. **Introdução à Literatura Fantástica**. Ed. Perspectiva, 1975.

TORRANO, Jaa. O mundo como função de musas. In: **Teogonia**: **Aorigem dos Deuses.** São Paulo: Iluminuras, 2003.

TORRES, José Wanderson Lima. **O Aleph e seus duplos**: mímesis e autorreflexividade na obra de Jorge Luis Borges. 2012. 169 p. Tese (Literatura Comparada). UFRN, Natal, 2012.

VALÉRIO, Patrícia da Silva. **Linguagem e tempo: a memória na perspectiva da enunciação**. 2015. Disponível em: <www.repositorio.jesuita.org.br/handle/ UNISINOS/>. Acesso em: 19 out. 2015.

WEINRICH, Harald. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.